



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ALINNE DE MORAIS OLIVEIRA CORDEIRO

*ESBOROANDO-SE NA LUZ: A ALEGORIA DA CEGUEIRA BRANCA PRESENTE N'A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*

João Pessoa

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ALINNE DE MORAIS OLIVEIRA CORDEIRO

*ESBOROANDO-SE NA LUZ: A ALEGORIA DA CEGUEIRA BRANCA PRESENTE N'A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras
Português, pela Universidade Federal da Paraíba – Campus I,
requisito necessário para obtenção do título de graduada em
Letras.

Orientação: Profa. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

João Pessoa

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C794e Cordeiro, Alinne de Moraes Oliveira.

Esboroando-se na luz: a alegoria da cegueira branca
presente n'a máquina de fazer espanhóis / Alinne de
Moraes Oliveira Cordeiro. - João Pessoa, 2019.

62 f. : il.

Orientação: Vanessa Neves Rimbau Pinheiro.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Cegueira branca. 2. Velhice. 3. Moral. 4. Memória.
I. Pinheiro, Vanessa Neves Rimbau. II. Título.

UFPB/CCHLA

ALINNE DE MORAIS OLIVEIRA CORDEIRO

**ESBOROANDO-SE NA LUZ: A ALEGORIA DA CEGUEIRA BRANCA PRESENTE
N'A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro
(Orientadora – UFPB)

Profa. Dra. Rinah de Araújo Souto
(Examinadora – UFPB)

Profa. Ma. Aline Cunha de Andrade Silva
(Examinadora – UFPB)

Profa. Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
(Examinadora Suplente – UFPB)

João Pessoa

2019

À Júlia Augusta Pinto de Morais (*in memoriam*), ou simplesmente bisa. A primeira velhice que eu conheci na vida e de perto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Bárbara e à minha avó Dôra, duas mulheres que, junto à minha bisavó Júlia, me criaram e foram fundamentais na construção do que eu sou (ou tento ser) no dia de hoje. Elas me ensinaram a ir além e me encorajaram, mesmo nos piores momentos, a seguir adiante. Saudades daquela casa na Torre e daquele jardim onde tudo era sonho. Agradeço ao meu pai Giordanni, que esteve presente o quanto pôde e sempre me deu todo suporte, obrigada pelas conversas de sempre.

Agradeço imensamente à professora Vanessa Riambau, que me orientou com afinco e atenção. Admiro-a como pessoa, professora e ilustre pesquisadora. Muito obrigada pela paciência e pelas orientações norteadoras.

Agradeço à minha avó Iêda, que sempre me doou amor, carinho e atenção e ao meu avô João (*in memoriam*), que tanto me amou e que tanto acreditava em mim. Saudades de olhar em seus olhos e perceber um afeto genuíno e raro.

Agradeço ao meu tio Daniel, que sempre foi uma referência para mim enquanto pessoa. O leitor que me inspirou a desbravar o mundo literário, bem como o universo musical. Está presente em grande parte das minhas melhores memórias infantis. Obrigada por ter gravado minhas apresentações de teatro na escola.

Agradeço à minha tia Giana e ao meu tio Giovanni pelo incentivo de sempre. Vocês são luz em minha vida.

Agradeço a Antonio, meu amor, companheiro e confidente. Me acompanhou de perto durante todo o processo, se revelando um alento e uma fortaleza nos momentos de ansiedades e incertezas. Obrigada pelo olhar, pelas tuas cores e por essa cumplicidade linda.

Agradeço aos amigos que fiz na vida, seja na escola ou em outros ambientes, por sempre torcerem por mim. Gostaria de agradecer particularmente às minhas amigas Bia, Myllena, Letícia e Mylla, companheiras de graduação e de vida também. Vocês são mulheres admiráveis. Tive muita sorte em encontrar vocês. Obrigada pelas conversas e conselhos.

Agradeço a todos os professores do colégio que me inspiraram a escolher a licenciatura, obrigada por terem acreditado em mim. Sou grata também aos que tive o prazer de conhecer na universidade. Agradeço também à professora Marineuma, por toda atenção e ajuda nos últimos anos. Sou grande admiradora do trabalho por ela desempenhado na universidade, que inclui o grupo Poética Evocare, o qual faço parte.

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entaves seu uso
aos que têm sede.

(Aninha e suas pedras,
Cora Coralina)

RESUMO

Em situações extremas, a complexidade da alma humana se manifesta de maneiras distintas. Nos livros *a máquina de fazer espanhóis* e *Ensaio sobre a cegueira*, temos duas narrativas que trazem uma profunda imersão no conhecimento do que é ser para si e ser para o outro. A nossa pretensão para com o presente estudo é buscar o entendimento do que pode vir a simbolizar a cegueira branca na obra de Saramago (1995), a fim de comparar e ampliar as interpretações do tema no livro *a máquina de fazer espanhóis*, corpus de nosso estudo. Visamos a comparação dos ambientes quarentena/asilo e a análise das camadas que envolvem a construção de antónio silva, personagem da obra de Valter Hugo Mãe (2016), em seu processo de confinamento no lar da feliz idade. Propomos, por meio desta pesquisa, identificar na velhice e no convívio dos idosos da casa de repouso, proximidades e diferenças para com a cegueira que atinge os personagens da obra de Saramago (1995). A pesquisa é bibliográfica, interpretativa e de cunho qualitativo. Bauman e Donskis (2014) fundamentam nossa discussão acerca da moral moderna. No que concerne o campo simbólico, consultamos Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012). Beauvoir (2018) contribui com uma vasta reflexão da velhice inserida em uma sociedade de produção e Nietzsche (2018) desenvolve um resgate histórico sobre a origem da moral. Ao término do trabalho, nos debruçaremos aos resultados obtidos com a investigação que se inicia.

Palavras-chave: Cegueira branca. Velhice. Moral. Memória.

ABSTRACT

In extreme situations, the complexity of the human soul manifests itself in different ways. In the books *the spanish making machine* and *Blindness*, we have two narratives that bring a deep immersion in the knowledge of what it is to be for oneself and to be for the other. Our intention with the present study is to seek an understanding of what may come to symbolize white blindness in Saramago's work (1995), in order to compare and broaden the interpretations of the theme in the book *the Spanish-making machine*, the corpus of our study. We aim to compare quarantine / asylum environments and the analysis of the layers that surround the construction of antónio silva, character of the work of Valter Hugo Mãe (2016), in his process of confinement in the home of happy age. We propose, by means of this research, to identify in the old age and the conviviality of the nursing home elderly, their proximity and differences with the blindness that affects the characters of Saramago's work (1995). The research is bibliographic, interpretative and qualitative. Bauman and Donskis (2014) support our discussion of modern morality. Regarding the symbolic field, we refer to Jean Chevalier and Alain Gheerbrant (2012). Beauvoir (2018) contributes a broad reflection of old age inserted in a production society and Nietzsche (2018) develops a historical rescue about the origin of morality. At the end of the work, we will look at the results obtained with the research that begins.

Keywords: White blindness. Old age. Moral. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração de Berliner.....	34
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – UMA TRÍPLICE	
1.1. Cegueira.....	18
1.2. Brancura.....	20
1.3. Velhice.....	23
CAPÍTULO II – LUGARES, AÇÕES	
1.1. Espaço e ambiente.....	26
1.2. A moral, essa coisa efêmera.....	28
CAPÍTULO III – ANTÓNIO SILVA ATRAVÉS DAS PAREDES BRANCAS E O QUE ELE ENCONTROU POR LÁ	
3.1. Por trás das paredes brancas.....	30
3.2. O passado é uma roupa que não nos serve mais.....	36
3.3. Mudando tudo de lugar.....	38
3.4. Visita de morte.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
ANEXO.....	56
ANEXO A – TABACARIA.....	56

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a obra *a máquina de fazer espanhóis*, tendo como enfoque a investigação de passagens em que a alegoria¹ da cegueira branca, existente na obra *Ensaio sobre a cegueira*, faz-se presente.

A escolha do tema advém de uma contemplação minuciosa e paciente de uma obra que muito exige da receptividade das coisas mais fundamentais e imanentes à nossa individualidade. A velhice esteve presente desde sempre em minha vida através da convivência com minha bisavó. Por meio do constante contato, este, que se desdobrou em observações detalhadas, eu pude desenvolver uma sensibilidade e compreensão acerca das particularidades dessa fase que, para muitos (me incluo), é uma incógnita. Eis que, em meio aos encontros literários da vida, deparei-me com *a máquina de fazer espanhóis*, obra que soube desenvolver com maestria uma trajetória abundante em constructos que nos transportam para o lado trepidante da vida. Entendo como uma oportunidade sublime esmiuçar as camadas e as conexões que constituem os personagens e os ambientes da obra. Quando li o livro de Valter Hugo Mãe, já havia tido contato com *Ensaio sobre a cegueira*, o que contribuiu para a percepção comparativa.

Selecionamos a obra *a máquina de fazer espanhóis*, pois o livro possibilita uma profusão de linhas interpretativas, uma delas sendo o caminho por nós desenvolvido. Escolhemos, portanto, por constatar a latente interligação simbólica com o que foi produzido na obra de Saramago (1995), uma peculiaridade no campo da investigação literária. Gostaríamos de ressaltar que não é objetivo do trabalho interpretar profundamente ambas as obras, apenas *a máquina de fazer espanhóis*, objeto de nosso estudo.

A partir do capítulo intitulado “a brancura é um estágio para a desintegração final”, foi possível identificar os primeiros indicativos para a possibilidade da análise proposta, ou seja, constatamos traços que se aproximavam das significações da cegueira branca escritas por

¹ O sentido de alegoria trazido no presente trabalho está em conformidade com o que delimita Walter Benjamin: “Walter Benjamin, em *Ursprung des deutschen Trauerspiels (Origens do Drama Trágico Alemão, 1928)*, traz a alegoria para o campo exclusivo da estética. Partindo do sentido etimológico do termo, Benjamin viu a alegoria como a revelação de uma verdade oculta. Uma alegoria não representa as coisas tal [sic] como elas são, mas pretende antes dar-nos uma versão de como foram ou podem ser, por isso Benjamin se distancia da retórica clássica e assegura que a alegoria se encontra ‘entre as ideias como as ruínas estão entre as coisas’.” (BENJAMIN, 1928 apud CEIA, 2009)

CEIA, Carlos. “Alegoria”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), disponível em: <http://www.edtl.com.pt>, acesso em: 28 jul. 19.

Saramago (1995). O estudo do tema se justifica pela importância em trazer para o debate interpretativo da obra uma cegueira branca infiltrada no dia a dia dos idosos do lar da feliz idade. Temos como objetivo maior entender até que ponto essa alegoria (que no texto de Valter Hugo Mãe se transmuta nas “paredes brancas”) influencia e funciona como um espaço de opressão e de abertura de perspectivas para antónio silva² e os seus. Nossa pretensão é entender o lugar (o asilo) como uma representação de uma brancura.

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, documental e de cunho qualitativo, em que a análise está voltada para a interpretação de passagens do livro *a máquina de fazer espanhóis*. A obra *Ensaio sobre a cegueira* está presente no intuito de ajudar-nos na comparação e na delimitação do que vem a significar a alegoria da cegueira branca. Durante o trabalho, no que concerne os nomes dos personagens e os elementos do livro *a máquina de fazer espanhóis*, fizemos a opção de compartilhar das minúsculas do autor Valter Hugo Mãe.

Nosso norteamto teórico conta com a essencial colaboração de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012), que nos guiarão rumo a uma compreensão simbólica da cegueira e do branco, elucidações que serão a base para o início de nossas interpretações. Para o embasamento acerca das particularidades da sociedade moderna, bem como suas oscilações morais, fizemos uso das reflexões trazidas por Bauman e Donskis (2014), em *Cegueira moral*. Beauvoir (2018) possibilitou nossa fundamentação sobre a velhice e suas problemáticas em uma sociedade de produção. Mediante Nietzsche (2019), pudemos nos debruçar na compreensão das origens da moral. Bachelard (1993) contribui para a compreensão dos espaços familiares e poéticos.

Em *a máquina de fazer espanhóis*, temos na pessoa de antónio silva um senhor de oitenta e quatro anos que inicia a narrativa no hospital, aguardando notícias de sua esposa laura. Após o falecimento da companheira, o idoso é, contra a sua vontade, direcionado pela filha a um asilo, o lar da feliz idade. Uma virada de realidade é encarada pelo personagem, que se vê fadado a ir morrendo aos poucos. Sem conhecer nenhum dos idosos do lar, sentimentos de solidão e de abandono se reverberam. Com o passar dos tempos, por meio do convívio e das conversas rotineiras nas tardes de sol, senhor silva degusta de sentimentos outros. Envolvido por memórias de uma vida inteira costuradas ao regime salazarista³, o idoso faz o exercício de interligar o passado e o presente. A velhice é vivida de forma paulatina e brutal.

² Durante o trabalho, nos referiremos ao personagem também pelo nome de senhor silva.

³ Governo de perfil fascista que governou Portugal por 48 anos: “O estado novo português, com seu regime autoritário, foi um dos mais longevos do século XX na Europa, contando com quase meio século de duração. Gestado com o golpe de 28 de maio de 1926, que pôs fim à Primeira República, teria o início de sua consolidação

No livro *Ensaio sobre a cegueira*, a narrativa se inicia com um homem no auge da normalidade cotidiana, com seu carro parado no sinal vermelho. Quando o sinal muda a sua cor para o verde, o mesmo homem perde repentinamente a visão. A cegueira se revela atipicamente branca, comparável a um mar de leite. Após o incidente, mais cegos começam a surgir, como numa espécie de epidemia que toma a cidade. Os que mantiveram contato com alguma pessoa cega terminam sem visão inexplicavelmente. Com isso, o governo é alertado sobre a possibilidade de uma real contaminação da chamada cegueira branca, tomando a iniciativa de guiar os cegos e os que tiveram contato com alguém doente a uma espécie de quarentena em um manicômio abandonado, no intuito de conter o avanço da doença. A problemática instalada na quarentena é a condição desumana a que os indivíduos são submetidos, como a falta de medicamentos disponíveis e, com o passar do tempo e com o aumento do número de pessoas, o racionamento de alimentos. Aquele que se aventurasse a ultrapassar o limite estabelecido pelo Estado seria morto a tiros. Mesmo com essas medidas, a cegueira se instala completamente na sociedade. Em decorrência da doença e do encarceramento, uma nova perspectiva de vida se desenvolve.

Nos romances guiados por Valter Hugo Mãe, a vida se manifesta por meio de um percurso sinuoso e desafiador traçado aos nossos olhos. Os livros *o nosso reino*, *o remorso de baltazar serapião*, *o apocalipse dos trabalhadores* e *a máquina de fazer espanhóis* compõem a chamada tetralogia das minúsculas, histórias independentes em que as fases do crescimento humano são trabalhadas. São minúsculas as letras por materializarem o essencial, a crueza da matéria humana, com suas exclamações salivares, o aqui e o agora. Apenas “a coisa”, sem intermediários. Sabendo que o livro a ser estudado compõe a tetralogia, faremos uma contextualização dos livros envolvidos com o objetivo de situar o lugar da obra *a máquina de fazer espanhóis*.

Em *o nosso reino*, livro que traz a ótica infantil através da persona de benjamim, é possível perceber fluxos de pensamentos que transitam entre o imagético e o real. Temos no universo infantil uma série de conexões e de raciocínios pertencentes aos sentidos que se interligam às vivências religiosas que marcam a vida de benjamim e do seu amigo manuel. Nesse contexto, a morte se situa numa posição híbrida de condenação e salvação. Se por um

com a constituição de 1933, sobrevivendo ao pós-guerra, vindo colapsar apenas em 1974. António de Oliveira Salazar (1888-1970) é a figura de maior expoente nesse período [...] Seu sucessor foi Marcello Caetano (1906-1980), cujo governo manteve-se alinhado à ideologia de Salazar, sendo deposto com a Revolução dos Cravos. (RECCHIA, 2018, p. 12)

lado o homem mais triste do mundo personifica a danação das almas, por outro, a morte também teria uma faceta de salvação e de santidade. O ritmo e o desenrolar da narrativa acompanha o compasso de um olhar observador e uma mente ansiosa por descobertas místicas.

Já no livro *o remorso de baltazar serapião*, temos a representação da idade adolescente. A escrita densa emoldura a perspectiva do personagem baltazar, que pertence à família sarga, sobrenome conferido em menção à vaca sarga, que recebe sentimentos e maiores importâncias, ocupando um espaço negado às mulheres do romance. – Atenção à posição conferida ao feminino, ao ser mulher e suas questões biológicas – A obra aborda a juventude com todas as suas impulsividades e descobertas de um corpo que é sexual e representativo de jogos hierárquicos, poderes atribuídos socialmente, principalmente na relação entre homens e mulheres. A misoginia exala verbalmente e por meio das ações dos personagens. Além disso, há as relações de poder existentes entre a família proletária e o patrão. O “remorso dos bons homens” (MÃE, 2017, p. 215) lança sob o livro um fio condutor que recai sob o caráter dos personagens.

A obra *o apocalipse dos trabalhadores* nos sugere a fase adulta como pano de fundo. Maria da Graça dá o tom a uma narrativa que passeia pelo coloquial, pelo despretenso e ao mesmo tempo profundo, de uma importância reveladora. Duas faxineiras (ou mulheres-a-dias, como são tidas em Portugal) vivem dia após dia em busca de uma sobrevivência digna. Trabalhos paralelos como chorar em enterros de desconhecidos ilustram a versatilidade de Maria da Graça e de Quitéria. A obra dá voz à interação de mulheres imersas no esvair dos dias e nos desejos sexuais e emocionais. Não há virgindade de corpo e nem de alma como nos embalos da mocidade.

No que diz respeito às outras pesquisas que tangenciaram o nosso objetivo de estudo, temos uma dissertação denominada “*Somos um povo de caminhos salgados*”: memória e máquina em Valter Hugo Mãe, de Natasha Gonçalves Otsuka (2016), na qual há o estudo do livro sob um viés histórico. A autora estuda como o salazarismo se alastrou pela sociedade portuguesa, fazendo uso das possibilidades metafóricas que o asilo representa. Em determinado capítulo, a pesquisadora cita a possível relação do livro com a brancura saramaguiana, não sendo possível notar um aprofundamento, mas uma menção comparativa com a ditadura de Salazar. No artigo *Como um vírus: a doença do salazarismo e suas manifestações em a máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe e Afirma Pereira de Antonio Tabucchi.*, de Maria Célia Martirani Bernardi Fantin (2016), a pesquisadora faz uma comparação entre o romance *Afirma*

Pereira e a máquina de fazer espanhóis, analisando a forma de agir dos dois protagonistas das obras, relacionando o salazarismo a uma epidemia. Durante o artigo, a autora faz menção ao livro *Ensaio sobre a cegueira*, elaborando, também, uma analogia da cegueira branca com o Salazarismo. Na dissertação intitulada *Figurações da velhice nos romances Em Nome da Terra e a máquina de fazer espanhóis*, da Universidade Católica Portuguesa, temos uma contribuição também relevante para o nosso trabalho, pois a estudiosa Maria Leonor Pereira Oliveira Castro (2013), faz um levantamento da velhice no decorrer dos tempos, além de trazer definições sociais e biológicas sobre essa fase da vida. No artigo “*Os imaginativos meios que a natureza tem para extrair a vida de alguém*” - a representação do corpo envelhecido em a máquina de fazer espanhóis, de Marcelo Franz (2017), há um estudo bem delineado da obra literária com o conceito de biopoder proposto por Michel Foucault. Um corpo que diz algo e expressa, na maior parte das vezes, uma decadência perante os outros corpos.

O nosso trabalho acrescenta ao repertório acadêmico no tocante à categoria e à perspectiva a ser trabalhada. Nosso objetivo central é proporcionar uma reflexão comparativa dos espaços narrativos em *Ensaio sobre a cegueira* e em *a máquina de fazer espanhóis*, com foco maior na velhice e nas relações construídas por antónio silva, as quais se assemelham às relações de troca existentes no ambiente da quarentena do livro *Ensaio sobre a cegueira*.

Sobre o teor dos capítulos a serem desenvolvidos, temos, no primeiro capítulo, o estudo e a investigação dos simbolismos que envolvem a cegueira e o branco. Mediante as contribuições de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012), delineamos as múltiplas possibilidades de compreensão acerca dos símbolos, objetivando fundamentar nossas posteriores análises. Ainda no primeiro capítulo, estudamos a velhice sob um viés social. A importância desse subcapítulo se desenvolve pela ampliação de perspectivas sobre a fase da vida que dá o tom à obra *a máquina de fazer espanhóis*. A velhice se integra ao capítulo da cegueira e brancura por se mostrar relacionada às categorias. Durante a teorização, adicionamos passagens pontuais de ambas as obras, as quais foram integradas para fins explicativos, ou seja, não caracteriza análise. No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre a investigação da genealogia da moral e sobre reflexões a respeito desta em nossa modernidade. Também estudamos a importância e a influência do espaço numa narrativa, bem como um em particular, a casa. Tais esclarecimentos teóricos se fazem necessários para a etapa analítica. O terceiro capítulo está reservado às análises. O subcapítulo “Por trás das paredes brancas”, como o título sugere, é destinado à compreensão de como se deu o processo de chegada do senhor silva ao

lar, assim como perceber suas impressões acerca das paredes brancas. Também estabelecemos a comparação com o espaço da quarentena (*Ensaio sobre a cegueira*). No subcapítulo “O passado é uma roupa que não nos serve mais”, analisamos um episódio vivido pelo senhor silva em seus anos de idade adulta, que influencia o seu presente e as relações por ele construídas. Na seção “Mudando tudo de lugar”, desenvolvemos as quebras e as oscilações que permeiam a estada do idoso. São detalhes que dizem respeito ao espaço, bem como aos utentes. No subcapítulo final, “Visita de morte”, analisamos dois falecimentos de impacto na vida do senhor silva, além de compreender seus momentos últimos. Depois que sua esposa partiu, essas foram as mortes que mais o levaram a questionar, a contradizer convicções e a refletir sobre si e sobre o outro. Por fim, concluímos o trabalho com as considerações finais.

I – UMA TRÍPLICE

1.1 Cegueira

A busca pelo conhecimento do que pode vir a significar a cegueira no âmbito do simbólico é essencial ao nosso estudo, pois, assim, é possível suscitar desdobramentos analíticos nas categorias aqui dispostas. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012), entre as mais abrangentes conceituações, dizem-nos inicialmente que:

Ser cego significa, para uns, ignorar a realidade das coisas, negar a evidência e, portanto, ser doido, lunático, irresponsável. Para outros, o cego é aquele que ignora as aparências enganadoras do mundo e, graças a isso, tem o privilégio de conhecer sua realidade secreta, profunda, proibida ao comum dos mortais [...] em resumo, são esses os dois aspectos – fasto e nefasto, positivo e negativo, do simbolismo do cego, entre os quais oscilam todas as tradições, mitos e costumes (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012 p. 217)

Numa primeira interpretação, temos uma percepção conhecida, a cegueira como uma negação, um embaçamento da realidade. Depois, é possível adentrar em mais uma camada de compreensão, mostrando uma cegueira que revela detalhes esquecidos ou não percebidos normalmente.

Na Grécia antiga, a cegueira foi um dos instrumentos punitivos que os deuses faziam recair sob a existência daqueles que provocavam neles alguma desaprovação. Como exemplo, temos Tirésias, personagem presente em *Édipo Rei*, de Sófocles (1990). Sobre a causa da sua

cegueira, diz a lenda que, ao orar no monte Citéron, Tirésias avista duas cobras, uma macho e outra fêmea. Matando a cobra fêmea, Tirésias se transforma numa mulher e só torna a sua forma de homem anos mais tarde, quando encontra e mata a cobra macho. Em um outro momento, Zeus e Hera discutem sobre quem sente mais prazer durante uma relação sexual, se o homem ou a mulher. Para sanar essa dúvida, os deuses chamam Tirésias, que, como todos sabiam, havia tido a experiência com ambos os genitais. A deusa defendia que o homem sentia mais prazer que a mulher, enquanto Zeus dizia o oposto. Tirésias respondeu que, em uma escala de zero a dez, o prazer feminino é compatível com o nove e o masculino com o um. Furiosa, Hera cegou o rapaz. Numa atitude de agradecimento por ter-lhe feito ganhar, Zeus concede o dom da vidência a Tirésias. Uma outra versão diz que Tirésias ficara cego ao espiar a deusa Atena tomando banho. Na obra *Édipo Rei*, o vidente Tirésias é aquele que guarda a profecia devastadora que tragicamente invade a vida de Édipo, ou seja, a de que ele matara o pai e se casara com a própria mãe. Durante a conversa da revelação profética do vidente para com o rei Édipo, o cego declara: “Pobre de mim! Como é terrível a sapiência quando quem sabe não consegue aproveitá-la!” (SÓFOCLES, 1990, n.p.). Essa fala é bastante reveladora no sentido de que, mesmo cego, Tirésias tudo sabia. Já Édipo, apesar de saudável da visão, estava cego para o seu entorno, não possuía o conhecimento. É interessante nos atermos à metáfora construída na tragédia: a controvérsia existente entre saber, mas não ter em si um poder decisivo/transformador.⁴ Édipo se submete a uma cegueira voluntária, furando os próprios olhos para ser poupado de olhar nos olhos dos filhos, nos da população e nos da mãe/esposa. Uma observação relevante para o nosso trabalho está no fato de Tirésias ser cego e velho, ou seja, um personagem que carrega em si duas das características contempladas nas obras a serem estudadas. A cegueira pode ser entendida também como um sinal de vidência, sabedoria e intocabilidade: “O cego participa do divino, é o inspirado, o poeta, o taumaturgo, o Vidente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 218). Significa ver com os sentidos e desenvolver uma sensibilidade que extrapola a compreensão daquele que não enxerga. Um olhar que traduz. A cegueira é vista como facilitadora de dons artísticos,⁵ inspirando um olhar internalizado e

⁴ O mesmo ocorre em Prometeu Acorrentado, mito de Ésquilo. Prometeu sabe quem destronará Zeus, mas nada pode fazer e nem contar. Zeus, detentor de um grandioso poder, não possui o conhecimento de quem tirará a sua glória. Para isso, de nada serve o seu poder.

⁵ O poeta paraibano Sérgio de Castro Pinto, na poesia “Camões/Lampião”, delineia uma ponte entre Camões e Lampião, ambos cegos de um dos olhos, e nos traz, em uma das estrofes, a imagem de um Camões que se aproveita

diferenciado, além de tornar o indivíduo mais sensível aos estímulos externos. Quando adaptado à cegueira, os outros sentidos são ativados de forma a causar um impacto e uma alteração de perspectiva.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, temos a representação da cegueira por parte do primeiro cego: “[...] como se tudo isto estivesse já a diluir-se numa espécie de estranha dimensão, sem direções nem referências, sem norte nem sul, sem baixo nem alto.” (SARAMAGO, 1995, p. 15). O mundo submerso na vastidão branca. Uma cegueira da iluminação. Saramago (1995) faz uso dessa alegoria para confrontar o homem que, carregado de suas bagagens, passa por uma estagnação e por uma perda do olhar de outrem. Bauman e Donskis (2014, p. 254), em *Cegueira moral*, dizem-nos que “O autoconhecimento sem participação do outro produz monstros da razão e da imaginação”. Mediante essa afirmação, é-nos revelado que o ser humano se percebe por meio do outro, e, quando esse olhar é perdido, o que lhe resta é um espelho rachado, ilegível, demasiadamente distorcido. A lacuna causada no ser humano quando não confrontado por um outro amado é destruidora. Nossa proposta com essas definições não é, de forma alguma, empregar um juízo de valor na categoria cegueira, mas entender o que a privação da visão proporciona à alma humana.

1.2 Brancura

Assim como a cegueira, a brancura possui suas especificidades no campo simbólico. Chevalier e Gheerbrant (2012), entre as abrangentes possibilidades apresentadas, dizem-nos que o branco simboliza “[...] - o momento da morte - é também um momento transitório, situado no ponto de junção do visível e do invisível e, portanto, **é um outro início.**” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 141, grifo nosso). Ou seja, é uma cor que carrega em si uma polarização de sentidos, uma elevação, uma transcendência. É a linha tênue entre o presente, o corporificado e o idealizado. A mente humana nutre uma curiosidade em relação ao vazio ou ao preenchimento de todas as coisas. De acordo com Bauman e Donskis (2014, p. 124): “Desde os primórdios da cultura, e através de sua longa história, seu motor tem sido a necessidade de

da sua metade íntima: “camões/escrevia com o olho cego/por senti-lo mais seu/do que o olho aberto/e por poder o olho cego/infiltrar-se, ir mais dentro/e externalar o seu inverso.” (PINTO, 2017, p. 206).

preencher o abismo que separa transitoriedade e eterno, finitude e infinito, vida mortal e imortalidade [...].”.

Não nos são fornecidas informações além das que já conhecemos, e isso corrobora para um vazio e uma busca maior ou menor de uma compreensão elevada das coisas, podendo as crenças terem um papel de alívio e de fornecimento de certezas. Na definição trazida pelos teóricos, a cor não se resume à morte, mas ao momento de partida. Se ampliarmos essa linha interpretativa, podemos associar o momento de transição não apenas à morte, mas a determinadas circunstâncias de grande impacto. Em *a máquina de fazer espanhóis*, há, a partir do primeiro capítulo intitulado “o fascismo dos bons homens”, o contato com a transitoriedade da vida, mediante a morte de laura, esposa de antónio silva. A morte da mulher proporciona na mente e no corpo de antónio (numa imagem análoga ao falecimento) uma passagem para o desconhecido, um momento chave que nunca mais o colocará numa posição de companheiro fiel, dono de casa e amante. Essa fragmentação sugere o outro início de que nos fala Chevalier e Gheerbrant (2015). A conjuntura dos acontecimentos o desestabiliza de uma forma tão significativa, que o faz se perder no horror de toda a sua tristeza. Momentos antes da morte de laura é possível identificar uma percepção das forças da natureza por parte do senhor silva, as quais entram em sintonia com a “passagem” vivenciada naqueles instantes: “a chuva abriu violentamente pelo mundo fora. vinha de encontro às vidraças como se contivesse em si um monstro dentado esforçando-se por tragar-nos. [...] senti-me encurralado.” (MÃE, 2016, p. 29). Depois de anunciada a morte, temos: “e, naquele momento, a chuva nem sequer se intensificara, nem trovoava, **nem coisa nenhuma maior ou mais esdrúxula que quisesse significar que me conhecia.**” (MÃE, 2016, p. 33, grifo nosso). Um momento de trauma é vivenciado, um divisor de águas que esotraça todas as suas expectativas e certezas. Um abismo o separa do amor de uma vida inteira. laura faz a passagem e proporciona uma outra ao senhor silva.

Temos a abertura de uma outra possibilidade simbólica, um vazio transbordante. Agora, prestemos atenção ao fragmento em que os autores dissertam sobre um universo em que a pigmentação se esvai:

O branco, que muitas vezes se considera como uma não-cor... é como o símbolo de um mundo onde todas as cores, em sua qualidade de propriedades de substâncias materiais, se tenham desvanecido... O branco produz sobre nossa alma o mesmo efeito do silêncio absoluto... Esse silêncio não está morto, pois transborda de possibilidades vivas... É um nada, pleno de alegria juvenil, ou melhor, um nada anterior a todo nascimento, anterior a todo começo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 142).

Podemos interpretar o mundo como sendo um microcosmo íntimo. Um branco que recai sob o cotidiano, sob nossas escolhas e sob nossas percepções. Os teóricos também citam a alma como uma esfera permeada por uma mudez vívida. Platão (2019), no livro IV d'A *República*, reflete sobre a alma e o corpo, revelando-nos que a matéria é passageira, mas o espírito se perpetua para sempre. A alma, para Platão (2019), decide os rumos que o nosso corpo poderá tomar, dirigindo nossos atos. Ela ocupa uma posição de supremacia em relação à carne. Em *Ensaio sobre a cegueira*, quando o primeiro cego é acometido pela cegueira branca e imagina a justificativa que daria às suas vizinhas pelo fato de estar sendo guiado por uma pessoa ao chegar em seu prédio, pensa que não poderia simplesmente responder: “Sim, entrou-me um mar de leite” (SARAMAGO, 1995, p. 14). A construção metafórica do mar de leite colabora para a estruturação de que a brancura submerge o doente e o obriga a conviver com a infinitude de um vazio que significa mudanças drásticas de perspectivas do mundo, seja no âmbito tátil, seja no individual, seja no social. Um início de tudo. Quando um indivíduo é inundado por essa brancura vasta, infinita e viva (como o mar), ele se vê numa posição de extravaso. Isso acontece quando a pessoa se depara com uma realidade outra, em que os estímulos ofertados ao universo já não são mais os mesmos.

Quando a filha do senhor silva o deixa no asilo, há um pensamento que percorre a mente do idoso:

houve um descanso no seu medo ao ver-me sossegado como pude naquela brancura do quarto. [...] senti-me a deixar-me ali, correndo para os braços do seu marido e dos meus netos, onde a vida era feita das coisas de sempre. e com cores nas paredes, pensava eu. (MÃE, 2016, p. 39).

O alívio da filha ao visualizar o pai por fim acomodado naqueles aposentos embranquecidos revela um sentimento de conformidade e de segurança, ocasionado por fatores que tangem a velhice num corpo social que tanto se esquivava do confronto para com ela. Também na quarentena, os cegos se questionam acerca das suas antigas habilidades. O senhor silva finaliza: “no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença. **sentimo-nos cegos**. [...] esta brancura é um estágio para a desintegração final.” (MÃE, 2016, p. 40, grifo nosso). Temos, então, uma ligação das paredes brancas com a cegueira que, apesar de cândida, traz em si um esvaziamento, e, por conseguinte, um estranhamento por agora fazer o senhor silva pertencer a uma espécie de “nada”

desconhecido. Uma luz que, de tão vazia, passa, depois, a preencher algo ou a expor dilemas morais.⁶

1.3 Velhice

A velhice, categoria de maior proeminência na obra *a máquina de fazer espanhóis*, é entendida por nós como uma facilitadora da inserção dos personagens numa cegueira branca. O ser-cru da velhice. Apenas ser. O momento (a velhice) permite isso. A terceira idade situa o indivíduo em um “não-lugar”, em um não-pertencimento das coisas que outrora constituíam a sua individualidade. Há um apagamento dos seus desejos, da sua autonomia e até mesmo da sua sexualidade. Beauvoir (2018, n. p.) faz um levantamento voltado à vertente econômica, que exerce uma influência sob as relações humanas e internas de uma pessoa:

O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: esta evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes. (BEAUVOIR, 2018, n. p.)

Mediante o que afirma Beauvoir (2018), a velhice provoca, em certa medida, um apagamento das vivências de um indivíduo que ainda possui dentro de si percepções, objetivos e vontades. O capital promete ao proletário uma compensação pelos anos de intenso trabalho e de desgastante manutenção de sua sobrevivência. É chegada a aposentadoria: lazer, vitalidade e descanso. No entanto, o que se sucede, como pontua a autora, é o desgaste absoluto e solitário de uma pessoa que não está mais em condições de produzir em função do sistema. Sem produção, resta a marginalização. Essa exclusão não afeta apenas a funcionalidade, mas a humanização do idoso. A sociedade retira do ancião a sua independência.

Em consequência desse esquecimento, as casas de repouso muitas vezes são vistas como uma opção para a família, que não sabe ou não quer lidar com o idoso. A idade requer atenção e exige, de quem acompanha o ancião, certo grau de sensibilidade e de paciência para lidar com a mudança de ritmo, com as perguntas repetidas, com idas ao médico, com compras de

⁶ Adentramos nos aspectos morais no capítulo três, cujo objetivo é analisar o perfil de antônio silva.

medicamentos e até mesmo com quadros depressivos que podem vir a se desenvolver nessa fase. Em Portugal, alguns idosos preferem morar sozinhos ou vão de livre escolha habitar os asilos das cidades ou do campo. Muitos deles usam como justificativa o fato de não quererem representar um fardo para os filhos.⁷ Uma pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde em 2018 revelou que Portugal está entre os cinco países europeus que menos investem nos idosos, o que acarreta uma série de consequências como o isolamento, invasão de propriedades e a carência de condições para uma sobrevivência digna.⁸ São muitas as queixas de que o dinheiro da aposentadoria não supre todas as necessidades básicas. Sobre isso, temos:

Parecemos acreditar que suas necessidades médicas são particulares, e que são tratadas com mais eficácia se as agrupamos entre elas; que seus interesses e suas sensibilidade são protegidos quando se encontram entre pessoas de sua idade, e que são mais felizes e vivem mais tempo quando estão longe das pressões do mundo, da juventude e da concorrência. Todas essas hipóteses são fundamentalmente errôneas, mas é fácil entender quais as pressões que nos levaram a elas. Não fomos capazes de atacar o problema essencial das pessoas idosas – o da readaptação. (BEAUVOIR, 2018, n. p.).

Beauvoir (2018) disserta sobre as casas de repouso na América do Norte e revela uma realidade universal: a de que, por vezes, ao idoso não é dada a oportunidade de se reinventar no seio familiar. O obstáculo enfrentado pelos indivíduos de terceira idade é exatamente a falta de pessoas que entendam esse novo universo que se abre, esses novos desafios que não necessariamente terão que ser duros ou penosos. O pensamento por parte da família de que o idoso redescobrir-se-á e identificar-se-á com o ambiente e com os outros utentes (o que de fato pode acontecer) termina contribuindo para que o sentimento de abandono e de isolamento social se instale no seu interior. Queremos apenas lembrar, também, que, apesar de representarem uma exceção, existem indivíduos (com uma elevada renda mensal) que podem preferir estar em um asilo pela comodidade e pelo conforto. Ao redor do mundo, já é possível encontrar casas de repouso de alto luxo que se assemelham a hotéis. É de interesse deste trabalho relatar e estudar a velhice, bem como a atuação dos asilos, sob um olhar crítico e atento às problemáticas que envolvem os temas.

⁷ Informações recolhidas em reportagem em: NEVES, Céu. Quanto custa ser idoso em Portugal. **Diário de Notícias**, 2009. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/quanto-custa-ser-idoso-em-portugal--1322990.html>. Acesso em: 29 jun. 2019.

⁸ Informação adquirida em: LUSA. Portugal está entre os cinco países da Europa que pior trata os idosos. **Expresso**. Disponível em: <https://amp.expresso.pt/sociedade/2018-02-23-Portugal-esta-nos-cinco-paises-da-Europa-que-pior-trata-os-idosos>. Acesso em: 30 jun. 2019.

É comum a situação de estarmos perante uma pessoa da terceira idade e imaginarmos como ela era quando jovem, bem como as suas paixões, seus amores, suas idiossincrasias, suas habilidades, e como, enfim, aquele ser humano se fazia presente. Isso se deve ao fenômeno da dissociabilidade entre a persona jovem e a idosa. Há uma dificuldade no âmbito social em unir as extremidades das idades do homem. Na fase adulta, nós desempenhamos funções e somos reconhecidos como tal, seja pela personalidade, seja pelo ofício, seja pelos posicionamentos tomados. Somos professores, artistas, médicos, contadores, entre outros. Quando o ser humano envelhece, geralmente é retirada dele toda uma carga de vivências sólidas. Não podemos esquecer que o idoso é e foi, como todos nós, um indivíduo cuja vida é tomada por incertezas, por medos e por receios. Bauman e Donskis (2014, p. 119) deixam claro que o sofrimento caminha conosco: “Há três direções das quais tememos que o sofrimento advenha: do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos corpos e dos outros seres humanos.”. O idoso não está isento de aflições, de desconfortos ou de dúvidas existenciais. Um dos erros que a nossa civilização pode cometer é supor que o velho sente menos ou não sente. Aquele que agora veste a couraça da terceira idade vê o seu “eu” escondido atrás de uma imagem padronizada atribuída aos anciãos. Mas o que é, de fato, a velhice? Beauvoir (2018) cita que, na percepção de muitos, a velhice se inicia após o momento de declínio, de decadência na vida de uma pessoa. No entanto, tal definição é imprecisa e amplamente subjetiva, visto que, com base em um exemplo apresentado pela autora, um atleta, a depender da sua modalidade, aos trinta anos é considerado velho e sem condições de competir em igualdade com outro esportista que esteja no ápice do seu desempenho físico, sendo mais jovem. Beauvoir (2018, n. p.) traz:

Definir o que é para o homem progresso e regressão supõe que se tome como referência um determinado fim; mas nenhum é dado a priori, no absoluto. Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso [...] a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural. (BEAUVOIR, 2018, n. p.).

Ou seja, somos definidos com base em percepções que contemplam as vivências de um núcleo cultural. É nítido que, quando o corpo passa a ser afetado de forma mais incisiva, há, de fato, uma perda nas funções vitais e no desempenho corporal. Alguns estímulos não respondem de forma automática como outrora na fase adulta, a perda auditiva se faz ainda mais evidente, oscilações na memória etc. Para as mulheres, a menopausa carrega em si forte impacto, vide a importância dada a fertilidade, estabelecida no corpo social. Esse é um exemplo de como as

manifestações do organismo extrapolam o âmbito meramente físico e passam a influenciar a leitura que uma pessoa faz de si e do outro.

A velhice é múltipla. “Aos 20 anos, aos 40 anos, imaginar-me velha é imaginar-me outra. Há algo de amedrontador em toda metamorfose.” (Beauvoir, 2018, n. p.). A teórica faz uma reflexão intimista que traduz a nossa dualidade enquanto seres que se transformam. Tendo isso em mente, é improvável que encontremos uma conceituação fechada do que vem a ser a velhice, mas, antes disso, podemos entendê-la como uma movência. Ela está nos detalhes: está em um olhar, em repetições que comunicam, em risos que revelam, em mãos que buscam e afagam outras mãos menos enrugadas. Observar a velhice é também viver um pouco dela. A velhice é servida a conta gotas.

II – LUGARES, AÇÕES

2.1 Espaço e ambiente

Sabermos identificar o espaço e o ambiente em um contexto literário e sua atuação no direcionamento de sentimentos e de ações é essencial no nosso trabalho. Para isso, contamos com o aparato dos estudos de Nanci Geroldo Ritcher (2007), em sua tese *Os espaços infernais e labirínticos em Ensaio sobre a cegueira*. Ritcher (2007, p. 11) define a função do espaço como “atrelar as ações das personagens a sua forma de agir, ou seja, influenciando suas emoções, pensamentos, formas de ação e possíveis transformações que elas sofram de acordo com o espaço que ocupam.”. Esse fragmento é bastante elucidativo e nos guia rumo ao entendimento de comportamentos entrelaçados ao espaço em que os personagens estão inseridos. Em *a máquina de fazer espanhóis*, o asilo é o espaço que tece as reações do protagonista, bem como seus pensamentos. Em *Ensaio sobre a cegueira*, é o manicômio que desempenha a função de ser um dos espaços que amarram a história, além de possibilitar o desenvolvimento de situações específicas.

O ambiente se difere do espaço por representar a intangibilidade:

Espaço e ambiente não podem ser confundidos, pois o espaço se apresenta com características mais próximas do plano físico enquanto o ambiente é composto por aqueles que se encontram inseridos nesse espaço, apresentando características mais próximas ao plano psicológico. Assim, o espaço é objetivo; ambiente é subjetivo e

depende das ações das personagens, que são expressas pelo narrador ou por elas próprias. (RITCHER, 2007, p. 13).

O ambiente é construído com base na percepção dos personagens. É a significação que o sujeito ou o narrador emprega ao que está sendo visto e vivido. Por exemplo, uma casa, pensada espacialmente, pode ser apenas uma casa, mas o mesmo lugar pode produzir infinitas interpretações e sentidos arraigados em vivências passadas dos sujeitos envolvidos na narrativa. A autora ainda nos fala em “espaços metafóricos”, que são aqueles que “o que está guardado nesses espaços liga-se à consciência da(s) personagem(ns) envolvidas.” (RITCHER, 2007, p. 14), ou seja, são os que coexistem com o personagem.

A estudiosa faz, ainda, uma explanação acerca da verticalidade e da horizontalidade proposta por Schuler (1989), definindo personagens horizontais como aqueles que não modificam sua linha de pensamentos e ações no decorrer da história, enquanto os personagens esféricos, aqueles que alçam altos voos em sua transcendência, tendem à verticalidade, estando isso relacionado à movimentação dos personagens pelo espaço: “a verticalidade espacial pode ser notada nas personagens pelo ato de subirem e descenderem escadas ou ruas nos diversos tipos e textos narrativos, fazendo com que sofram algum tipo de mutação.” (RITCHER, 2007, p. 16-17). Podemos relacionar a teoria com o desenvolvimento do personagem antônio silva, que, na narrativa, surge subindo e descendo as escadas do asilo, evidenciando a sua verticalidade. Ao leitor resta, se possível, um apreço e um olhar observador perante os espaços, que resplandecem, por vezes, o lume que guia a estruturação das obras.

Em *a máquina de fazer espanhóis*, o espaço é o que delineia muitos dos pensamentos de antônio silva. Um dos primeiros traumas sofridos por ele é a mudança de habitação, a troca do lugar de vivência. O lar da feliz idade se contrapõe à sua casa, lugar em que criou seus filhos e viveu as suas agradáveis décadas ao lado de laura, um refúgio. Sabendo disso, podemos tecer comentários acerca do espaço “casa”. De acordo com Bachelard (1993), “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmo sem toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (BACHELARD, 1993, p. 200).”

Assim, a casa, ambiente desenvolvido por Bachelard (1993), constitui um espaço de pertencimento. É sobre fazer parte de algo, ser útil, conhecer. A problemática que envolve o senhor silva diz muito sobre o fato do idoso não se sentir familiarizado com o lar da feliz idade.

Vemos mais adiante que esse problema afeta sua identidade. Temos, no decorrer da narrativa, um instante específico em que o idoso cita a sua casa:

Quem me dera a mim que me tivessem levado para casa, deixado em casa, **acomodado no que sempre fora meu**. ainda que o destruísse, ainda que o odiasse por continuar indiferente à ausência da laura, e preferia perder tudo, de verdadeiramente perder tudo, porque assim fico convencido de que as preocupações interesseiras de alguém hão de estar a sustentar as paredes da minha casa em pé. (MÃE, 2016, p. 215, grifo nosso).

Ou seja, mesmo sob os destroços de um passado abundante, sua casa ainda se revelaria uma melhor opção, pois seria uma parte de si. Adiante, na análise, podemos esmiuçar tais conceitos e entender como eles se manifestam nas referidas obras.

2.2 A moral, essa coisa efêmera

O mal e o bem não são imutáveis e nem advindos apenas da nossa mente, eles são produto de uma série de processos históricos. Esse é um dos levantamentos que Nietzsche (2019) nos traz em sua obra. O teórico se distancia dos pensamentos deixados pelos psicólogos ingleses e disserta sob um viés sócio-histórico:

O juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram entre si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, e vulgar, e plebeu. (NIETZSCHE, 2019, p. 11).

O bom, de acordo com o filósofo, nasce de uma posição de opressão. O ser bom ou ruim está intimamente ligado a construções culturais. Quase tudo o que toca o entendimento das ações e dos conceitos humanos está, direta ou indiretamente, envolvido com modelos opressores solidificados. O bem e o mal nunca serão absolutos entre si enquanto existirem saídas, argumentos ou pensamentos que justifiquem determinadas ações. Em um universo fascista, por exemplo, os meios, por mais absurdos que possam ser, de alguma forma, encontram subterfúgios para serem justificados pelos fins. Bauman e Donskis (2014) esclarecem e nos trazem uma conceituação que muito pode contribuir para a análise, que é:

“adiaforização” para mim significa os estratagemas voltados para colocar, com intenção ou não, certos atos e/ou a omissão deles em relação a certas categorias de

seres humanos fora do eixo moral-imoral – ou seja, fora do “universo das obrigações morais” e do reino dos fenômenos sujeitos à avaliação moral; estratégias para declarar tais ações ou inações, de maneira implícita ou explícita, “moralmente neutras” e impedir que as escolhas entre elas sejam submetidas a um julgamento ético - o que significa assumir o apróprio moral (um retorno forçado, poder-se-ia dizer, ao estado paradisíaco de ingenuidade anterior à primeira mordida do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal). Na sabedoria popular, esse conjunto de estratégias tende a ser coligido sob a rubrica “os fins justificam os meios”; ou “embora esse ato possa ter sido ruim, ele era necessário para defender ou promover o bem maior”. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 52).

Mediante o que afirmam os autores, a moral revela uma hibridez que pode favorecer o lado que detém maior poderio, seja ele político, seja econômico, seja em relações de gênero. Bauman e Donskis (2014) pontuam que, nos dias atuais, esse lugar de “amoralidade” está reservado ao mercado e a sua incessante busca pelo lucro. A sociedade é transpassada por uma anestesia generalizada que não lhe permite a sensibilização por milhares de vidas que são, quando não ceifadas, violentadas em nome de um sistema que a cada dia comprova a sua sobrecarga. Bauman e Donskis (2014) desenvolvem suas reflexões acerca disso:

Um ato iníquo de homicídio ou uma catástrofe ferroviária atinge as mentes e os corações de forma mais poderosa que o tributo gotejante, porém contínuo, irresistível e rotineiro, pago pela humanidade na moeda de vidas perdidas ou desperdiçadas diante do monstro da tecnologia e do funcionamento impróprio de uma sociedade cada vez mais blasé, insensível, indiferente e despreocupada, já que consumida pelo vírus da adiaforização. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 56).

O teórico não economiza na justa aspereza em que analisa a chamada hipocrisia moral. De fato, somos permeados por uma cegueira que nos lança na ilusão de sermos imunes às dores e às agonias de um outro que não possui rosto, identidade ou endereço. A invisibilidade dessas pessoas é proposital e financiada por, numa suposição bastante ampla e próxima ao que nos propõem Bauman e Donskis (2014), poderosas redes de sociopatas mercadológicos.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, temos momentos específicos em que a moral se subverte de uma forma tão grotesca e animal, que é custoso assimilar tais acontecimentos, como o fato de o governo isolar e abandonar centenas de pessoas sem acesso a cuidados básicos com a justificativa de estar tentando conter uma epidemia. Em sociedades contaminadas pelo fascismo, atrocidades são admitidas com a justificativa de fazer perpetuar a paz e o combate aos supostos inimigos da nação.

Em nossa sociedade moderna, pontuam Bauman e Donskis (2014), o medo é um fator presente e que pode exercer influência sob interesses políticos. Ao explicar sobre esse

amedrontamento, os autores ressaltam que: “Cada novo fenômeno pode causar um surto de pânico moral e uma reação exagerada. Podemos ver aqui uma espécie de medo controlado ou domesticado.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 116). Esse medo monitorado se personifica em políticos revestidos em falácias descomprometidas com os reais interesses de uma população. “O problema é que com isso vem um político trapaceiro que promete resolver a questão e afastar todos os nossos medos e descontentamentos. Assim, o medo se torna uma mercadoria política, abrindo caminho para uma onda de populismo e xenofobia na Europa.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 117).

A proposição de resoluções messiânicas pautadas num sensacionalismo cínico fere até mesmo democracias consolidadas. Fazendo uso da estratégia do desvirtuamento de problemáticas emergentes em defesa de uma luta contra inimigos que sequer existem, o olhar de uma massa desavisada ou concordante com discursos preconceituosos é desviado. Em decorrência disso, vemos líderes do mal se levantando a cada dia ao redor do mundo. Feitas as devidas observações, pretendemos chegar ao ponto de análise dos percalços morais enfrentados pelo senhor silva.

III- ANTÓNIO SILVA ATRAVÉS DAS PAREDES BRANCAS E O QUE ELE ENCONTROU POR LÁ⁹

3.1- Por trás das paredes brancas

Ao iniciarmos *a máquina de fazer espanhóis*, nos deparamos com a primeira camada do senhor silva, um personagem revestido de dúvidas e medos face à internação de laura, sua esposa. Como introduzimos no subcapítulo “brancura”, esse antónio silva, que aguarda notícias na sala de espera do hospital, é alvo de uma transição/passagem. O capítulo do livro intitulado “a brancura é um estágio para a desintegração final”, situa-nos e dá início a uma jornada de

⁹ Referência ao livro *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*, de Lewis Carrol (2009). A continuação de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* reserva em si uma Alice mais madura, agora com sete anos. Os desafios encarados pela menina deixam de ser contemplativos e passam a exigir da mesma uma postura participativa. Durante uma tarde de inverno (no livro anterior, as aventuras se passam no verão, estação colorida e vívida) Alice se distrai com os filhotes da gata Dinah e termina, ao longo de suas conversas com a gatinha Kitty, imaginando a possibilidade de ultrapassar o espelho da sala, o que vem a acontecer em sonho. Um mundo de situações e personagens absurdos se revela. O livro é visto como uma metáfora da dificuldade da passagem da infância para a adolescência e vida adulta.

constantes observações minuciosas, de estímulos incomuns e de sensações inesperadas. Momentos antes do senhor silva adentrar o lar da feliz idade, temos a imagem de um homem fragmentado ante a sua atual realidade: “caí sobre a cama e julguei que fui caindo por horas, [...] por fim, me levantei, **estava a anos-luz do homem que reconheceria [...]**.” (MÃE, 2016, p. 36, grifo nosso). O luto provoca a primeira quebra do personagem. Neste presente capítulo, temos como proposta, inicialmente, analisar o teor contido nas paredes brancas e a sua relação com o fluxo e com o avanço da narrativa. Elas nos fornecem uma espécie de referência do *status quo* em que se encontram os utentes do lar da feliz idade, principalmente o senhor silva. As paredes brancas muito se associam às conceituações trazidas no nosso primeiro capítulo. Notemos o que o senhor silva pontua sobre as paredes: “qualquer mancha ou imperfeição na planura do estuque já é uma exceção que aprendemos a observar e nos ajuda a quebrar o mesmismo abundante em nosso redor. **um dia, havemos de esboroar-nos na luz.** esta brancura é um estágio para a desintegração final.” (MÃE, 2016, p. 40, grifo nosso).

A descrição nos revela as impressões acerca da linearidade e da homogeneidade das paredes. Elas estão lá, a presença delas antecede a chegada dos idosos. Eles são inseridos na vastidão branca, e tudo parece se reduzir ou se adequar àquele universo, impregnado de matéria bruta e intocada. No entanto, com essa fala, o senhor silva abre para a possibilidade de que suaves rupturas podem vir a ocorrer. O fragmento é, também, uma antecipação dos futuros acontecimentos no lar, assunto que discutimos em breve. O senhor silva relaciona a planura aos momentos e ao estado em que se encontram os utentes. O uso do verbo “esboroar” ativa e acrescenta na narrativa a ideia de ter o seu corpo e a sua alma desfeitos e imersos na branquidão, ou seja, uma desintegração. Perder-se de si. Só que se perder também é uma forma de se encontrar.

É possível associarmos a brancura das paredes à brancura da cegueira em Saramago (1995): “ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis.” (SARAMAGO, 1995, n. p.). Notemos que há um espírito arrebatador que se instala por entre a totalidade das coisas. Tal iluminação constringe o indivíduo, capturando suas defesas e o que ele concebe por aparência.

Já instalado no asilo, o processo de adaptação do senhor silva aos quartos, às paredes e aos novos hábitos é dolorosa, de modo que ele mantém o pensamento de abandono e de escassez de horizontes. O silêncio acompanha-o por seis dias, até trocar as primeiras palavras com o

senhor pereira, que será um dos companheiros mais presentes durante a sua estada. Sobre os momentos iniciais, temos: “estar para ali metido, naqueles primeiros tempos, era literalmente como se me quisessem matar e não tivessem coragem para optar por um método mais rápido.” (MÃE, 2016, p. 50). O luto, o espaço e alguns sentimentos próprios da velhice foram os impulsionadores desses pensamentos destrutivos. Beauvoir (2016) nos diz que:

A melancolia, diz ainda Minkowski, é uma “doença do tempo”. O futuro está barrado, o sujeito não se projeta mais para ele e só vê ali uma perspectiva de morte. No presente, ele é apenas impotência; sente-se existir no vazio; padece de um tédio mortal. O melancólico está “cheio de vazio” [...] a melancolia de involução começa muitas vezes a se manifestar no momento de uma emoção: luto, separação, mudança de moradia; ou então é provocada por uma situação vital que a senescência torna difícil. Os sinais precursores são o tédio, a repugnância, a astenia, a hipocondria, remorsos e um sentimento de culpa sexual. (MINKOWSKI apud BEAUVOIR, 2016, n. p.).

Mediante o que nos revela a autora, a melancolia é um sentimento que está intimamente associado ao tempo. Essa relação se estabelece na medida em que o indivíduo se vê inserido numa espécie de condição estática. A incerteza também é fator determinante, visto que ela vem como uma consequência do tempo, que parece sofrer uma ação de “encurtamento”. O senhor silva tece um comentário sobre a monotonia do lar da feliz idade e a relaciona com o tempo: “o higiênico do ambiente coloca-nos atrás de uma tela e ficamos com a sensação de nos preservarmos apenas assistindo gravemente ao tempo. nesta brancura, pensei, só o tempo acontece, só o tempo passa.” (MÃE, 2016, p. 40). Podemos inferir que o vazio das paredes brancas reflete a melancolia sentida por antónio silva. A limpeza pode ser interpretada como sendo plana, oca, que não cria, não contagia. Quando, por exemplo, deparamo-nos com políticas higienistas, somos confrontados também com o impedimento de que as cores e a inventividade exalem em certos ambientes.¹⁰ A prática pode ganhar notoriedade em ditaduras e democracias degradadas. Entraria em vias de interpretação o fato de o asilo representar um ambiente autoritário, por ser uma imposição a qual o senhor silva não concorda e não se agrada (ao menos inicialmente). Mais à frente, ampliamos a leitura.

¹⁰ Podemos citar como exemplo um fato de 2017, na cidade de São Paulo, em que a metrópole foi alvo de uma política de “limpeza” imposta pelo governador Dória, em que muros grafitados foram inescrupulosamente pintados de cinza. Além das ações de expulsão compulsória (de indivíduos que ocupavam a chamada ‘cracolândia’) desprovidas de zelo e de responsabilidade cidadã. KIST, Cristine; TANGI, Thiago. Políticas higienistas nas cidades podem apenas esconder problemas. **Revista Galileu**, 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/o-que-voce-faz-para-mudar-sua-cidade.html>. Acesso em: 05 ago. 2019.

O senhor silva sente que representa um corpo estranho no lar por notar que os idosos apresentam uma relação de solidez, de integração e de homogeneidade: “[...] ligados uns aos outros pelos destinos tão inevitáveis. **que paisagem de velhos tão nítida era aquela.** [...]” (MÃE, 2016, p. 43, grifo nosso). Ele desempenha um papel de espectador ante aqueles idosos e aquele lugar. Julgamentos, maldizeres e desejos íntimos que não revelam boas intenções penetram a mente do senhor silva. A sua dor era a maior naqueles instantes. Ao prosseguir com a observação, antónio silva esboça a sua constatação acerca da condição de todos eles, a qual evidencia um ponto de intersecção entre a cegueira trazida por Saramago (1995) e *a máquina de fazer espanhóis*, sobre a “invalidez” de experiências passadas:

pouco importava que o orgulho lhes trouxesse ao de cima o passado profissional, mais ou menos brilhante, mais verdadeiro ou mentiroso, porque muitos mentem sem pudor para não se deixarem humilhar, pouco importava tudo isso porque tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um **conjunto de abandonados** a descontar pó ao invés de areia na ampulheta do pouco tempo. (MÃE, 2016, p. 43-44, grifo nosso).

A velhice, como vimos anteriormente, insere o sujeito em um lugar de nulidade, desfeito das suas antigas práticas. Um ser que reaprende a receber os estímulos enviados pelo mundo. No fragmento, temos a invocação da palavra abandono em junção à palavra conjunto. Pois bem, um amontoado de órfãos de filhos vivos. A identidade¹¹ lhes é retirada. Sobre isso, se voltarmos um pouco nos acontecimentos, lembraremos do momento em que o senhor silva vai ao encontro do corpo da esposa e faz um resgate dos tempos de namoro. Não mais um casal, mas um cadáver a pender nos braços de um viúvo apaixonado. O senhor silva descreve: “estávamos escondidos de todos, eu e minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de **respirar através dos seus olhos**” (MÃE, 2016, p. 35, grifo nosso). Esse “respirar” na fala do senhor silva pode ser entendido como o autoconhecimento que nos traz Bauman e Donskis (2014). Se o outro não nos conhece ou se não nos olha da forma como nós nos constituímos, pouco importa o que foi ou deixou de ser. Importante ressaltar que não estamos afirmando, com isso, que o nosso conhecimento

¹¹ Stuart Hall (2006), em *A identidade Cultural na Pós-modernidade*, estuda e disserta sobre como a identidade pode ser identificada, ou seja, ele escreve sobre tipos de identidades estudadas por diversos teóricos. Uma das definições é a de que: “Naquilo que Lacan chama de ‘fase do espelho’, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa ‘inteira’, se vê, ou se imagina a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no ‘espelho’ do olhar do outro – como uma ‘pessoa inteira’.” (LACAN, 1977 apud HALL, 2006, p.37).

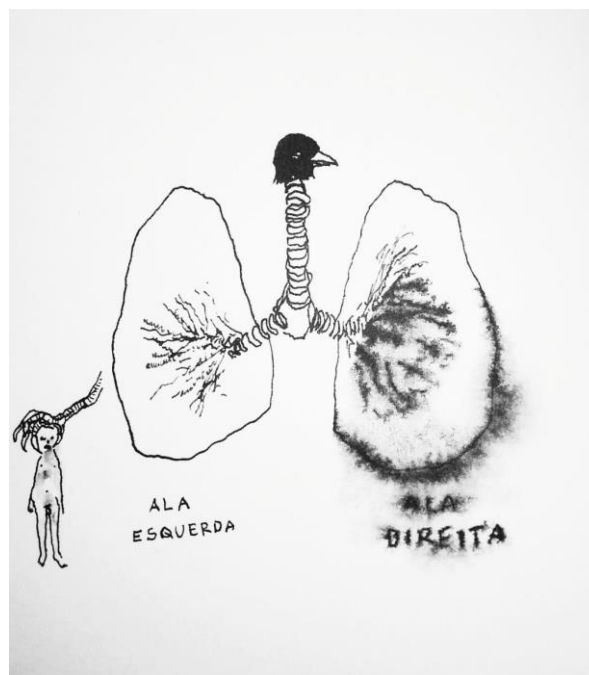
A teoria que se aplica às crianças pode ajudar a explicar os dilemas identitários que nos acompanham por toda a vida.

individual esteja submetido ao que o outro acha, mas que o tema é constituído por muitas variáveis e a interpretação trazida se aplica aos recortes realizados no presente trabalho. Estamos lidando com o isolamento de sujeitos que são postos em um ambiente com desconhecidos em demasia. A questão trazida pelo senhor silva não é somente ser velho, mas estar reunido naquela totalidade de abandonados. Eles, de início, não se conhecem, mas é esse sentimento de abandono e de desconhecimento geral que os une e colabora na criação de laços.

Da mesma forma, os cegos instalados na quarentena sentem como se suas identidades estivessem escorrendo pelas mãos. Em *Ensaio sobre a cegueira*, temos momentos em que o médico faz menção à inutilidade das suas antigas habilidades naquele ambiente e naquelas condições: “Um médico para que serve, sem olhos nem remédios.” (SARAMAGO, 1995, p. 53). Temos um sentimento generalizado de impotência perante uma branquidão inexplicável. Depois, quando o médico pede para o ladrão dar um basta nas suas falas desnecessárias direcionadas ao rapazinho estrábico, aquele declara: “Ó doutorzinho, rosnou o ladrão, olhe que **aqui somos todos iguais**, a mim o senhor não me dá ordens.” (SARAMAGO, 1995, p. 55, grifo nosso). Ou seja, aquele amontoado de pessoas estava em pé de igualdade, todas na mesma condição, submetidas às mesmas circunstâncias. Estavam, principalmente, sem referências sociais e econômicas preestabelecidas.

No que tange o contexto espacial, os quartos do asilo são divididos em duas alas. À direita, ficam os quartos com a vista para o jardim, além de abrigar os idosos que o médico e os cuidadores julgam ter mais ânimo e lucidez. À esquerda, ficam os quartos com a vista para o cemitério, o que gera, entre os idosos e principalmente na mente do senhor silva, uma série de indagações, de teorias e o medo de um dia ser levado para ali, o lugar que consideram uma sentença de morte. Esse constante receio e medo de ser levado para a ala esquerda funciona, na narrativa, como um dispositivo de constante tensão, mistério e incerteza. A ilustração de Eduardo Berliner traduz o significado das alas para o lar:

Figura 1 – Ilustração de Berliner (2016)



Fonte: *a máquina de fazer espanhóis* (2016).

Numa sutil interpretação, podemos observar uma espécie de urubu, que remete à morte e ao seu “desejo” em arrastar o utente para a ala esquerda. A ala direita surge fosca e apagada, podendo simbolizar a vida que se despedaçara. Nos interessa, neste momento, explicitarmos a semelhança entre o lar e a quarentena, esta, que também foi dividida em alas:

ainda tem a vantagem de se compor de duas alas, uma que destinaremos aos cegos propriamente ditos, outra para os suspeitos, além de um corpo central que servirá, por assim dizer, de terra-de-ninguém, por onde os que cegarem transitarão para irem juntar-se aos que já estavam cegos. (SARAMAGO, 1995, p. 46).

O manicômio é o lugar escolhido pelo governo para abrigar os doentes da cegueira branca. O espaço é dividido em duas alas, além de ser vigiado a todo momento por militares armados e constantemente ameaçando o uso da força, ou seja, um lugar com aspectos de um internamento compulsório. Assim, como no asilo, as pessoas chegam, são direcionadas aos seus lugares e passam a obedecer às novas normas. Longe do usual, do habitual e do que lhes pertencem, eles se veem obrigados a interagirem e a conviverem com o diverso. Além da influência do lugar, ainda temos, na quarentena, a cegueira branca. No lar, a ação das paredes brancas. Claro, as circunstâncias são distintas, mas podemos sugerir uma aproximação. Ambos os lugares exercem, em certa medida, um poder autoritário. A relação de paralelo entre as narrativas nos ajuda a entender e a comprovar as proporções do que nós estamos defendendo

neste trabalho, ou seja, a presença de referências no livro *a máquina de fazer espanhóis* que remetem à cegueira branca de Saramago (1995) e o que essa alegoria, não a da quarentena, mas a dos idosos, provoca e sugere, além de entender como o espaço influencia na criação de ambientes e de fluxos psicológicos.

3.2 O passado é uma roupa que não nos serve mais

Continuando com a evolução da personalidade do senhor silva na narrativa, vamos analisar as relações por ele construídas no decorrer dos dias. A estada do senhor silva no lar é marcada por oscilações comportamentais e morais. Por ser um personagem complexo, é objetivo nosso entender e aprofundar os elementos que o constituem enquanto indivíduo. Vamos por partes, entendendo as principais nuances das suas ações, de seus pensamentos e de suas memórias, estas muito atreladas à ditadura de Salazar.

O retorno ao passado que o idoso amplia no decorrer de toda a narrativa não é algo estanque ou isolado, mas contribui para os acontecimentos e para os sentimentos que envolvem o personagem no lugar de um indivíduo pós-asilo. O ancião faz uma ponte entre o lar e o seu passado.

Falemos sobre o caso de 5 de setembro de 1967, ou o momento em que, em plena ditadura salazarista, o senhor silva abrigou um jovem comunista em seu estabelecimento (barbearia) por uma noite. No auge do predomínio fascista, antónio silva se precavia e blindava a si a sua família de qualquer envolvimento com forças contrárias ao sistema, contudo, apesar de toda a sua cautela, a reação perante o garoto que parecia estar fugindo foi a de acolhimento. Sobrara a ele um átimo de bom senso e de empatia, mesmo que beirando o involuntário. A moral era imposta sob uma ótica extremista: “podia ter pensado que me assaltaria, que me mataria, que era dos maus. se uns seriam bons, outros teriam de ser maus, era tão linear o pensamento vendido aos portugueses.” (MÃE, 2016, p. 143). Estava feito. antónio silva, um homem ordeiro e irrepreensível arranhara sua reputação e sua obediência ao lado que ele julgava certo. Foi esse espectro absolutista que corroeu a consciência do senhor silva por nove anos, quando denunciou o rapaz aos militares. Antes disso, no decorrer desse período, o senhor silva e o rapaz cultivaram uma relação de conversas informais e de cunho político, com o rapaz sempre defendendo seus ideais revolucionários e antifascistas.

Em 1971, um grupo de militares intimida o senhor silva em sua residência e o informa que algum cliente da barbearia está envolvido com “uma oposição agressiva, de passar armas entre os malfeitores e atentar contra a ordem pública.” (MÃE, 2016, p. 186), o barbeiro, então, começa a descrever as características do homem e termina por dizer que se existir algum comunista frequentando seu estabelecimento, tinha de ser aquela pessoa. Com essa denúncia, os policiais capturam o homem que, anos atrás, o senhor silva dera abrigo. Após todos esses acontecimentos, antônio silva decide, de certa forma, tentar apagar da sua memória que aquilo um dia aconteceu, escondendo-se da sua própria história. Para ele, naquele momento, a integridade da sua família estava em jogo e isso justificou entregar uma pessoa provavelmente para a morte. Bauman e Donskis (2014, p. 153) fazem reflexões acerca da memória e de sua autonegação no intuito de preservar um passado glorioso e “purificado”.

Um ponto profícuo para análise é a conclusão a que chega o senhor silva ao refletir que, se o rapaz fosse seu filho, ele sentiria as dores do regime e se indignaria com tudo o mais, pois a dor da perseguição respingaria em sua realidade:

e não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros. se fosse o meu ricardo, se aquele moço no chão da minha despensa fosse o meu ricardo, acometido de ideias e fulgurante na juventude, teria amaldiçoado o regime por fazer do meu rapaz um perseguido, entendendo melhor todas as fúrias que a cabeça lhe levantava e aquele ímpeto para a libertação de todo um país. mas não me era nada, o moço. [...] sem sangue meu, como se isso impedisse que a totalidade das suas palavras entrassem no acústico dos meus ouvidos. (MÃE, 2016, p.183).

Ou seja, o flagelo de toda uma nação não era suficiente para sensibilizar a consciência daquele trabalhador. Como não havia o compartilhamento sanguíneo, não constava o sentimento de pertença. Bauman e Donskis (2014), entendendo os problemas que alçam a nossa época, dissertaram sobre como o fenômeno da insensibilidade atua nas massas:

A personalidade do indivíduo, difundida e dissolvida entre as massas, e as crueldades executadas publicamente destruíram qualquer relação real com a pessoa que estava sendo torturada e morta. Todos aqueles que assistiam a uma execução ficariam horrorizados caso o espetáculo os ameaçasse ou a seus entes queridos. Mas como essas crueldades eram infligidas não a “pessoas reais”, porém a criminosos ou “inimigos do povo” [...], a capacidade humana de solidariedade e empatia era reprimida. **Resulta que uma “pessoa sadia e normal” pode se transformar durante um tempo em um idiota moral ou um sádico sociopata capaz de matar lentamente outro ser humano [...]** Não são necessários termos clínicos - a insanidade moral pode acometer até os saudáveis. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 49, grifo nosso).

Vale destacar que epidemias sociais fornecem à população desavisada uma perspectiva desfocada e absolutamente irreal dos fatos. A construção de uma supremacia nacional, a criação de mitos e de inimigos da ordem são ingredientes essenciais para um desastre empático sem precedentes. A insanidade moral alcança seu poderio maior por se proliferar e contaminar as pessoas com uma rapidez surpreendente. Quando a população se dá conta, o caos está instalado e a liberdade cerceada, tudo aos poucos.

É fundamental entendermos o resgate de um passado marcado pela obediência e pela resignação para adentrarmos nas relações que o senhor silva estabelece com os utentes do lar. Apesar de, na época, o idoso se manter aparentemente intacto, sem maiores arrependimentos ou remorsos, é durante uma consulta com o doutor bernardo, já no asilo, no capítulo intitulado “memória selectiva”, que o idoso declara que “ninguém soubera do quanto me amedrontei egoísta naquele tempo do regime. que cagão de homem fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado” (MÃE, 2016, p. 189). E continua com a associação da denúncia com a sua falta de manejo com a atual situação do senhor pereira (acometido com um câncer). Ele finalmente se apropria do lugar de **amigo**: “não prezei nada do que é amizade **por isso** não sei o que dizer ao senhor pereira e não percebo nada de lá ir fazer com que se sintam bem.” (MÃE, 2016, p. 189, grifo nosso), ou seja, por não ter honrado a relação que construiu com o rapaz de anos atrás, ele se julgou incapaz de realizar algo útil ao amigo pereira.

Sabendo do perfil inicial e do teor emocional que carregara o senhor silva até ali, podemos explorar determinados momentos do lar, bem como as amizades construídas, que possibilitaram um autoconhecimento nunca anteriormente desfrutado pelo idoso.

3.3 Mudando tudo de lugar

Chegamos à categoria que permeia a obra e que marcou profundamente a travessia de antónio silva. Como citamos em outro momento, para o idoso, a criação de laços, o desenvolver afetivo e o amoroso se dava apenas entre membros da família, bem como com a esposa. Ao chegar no lar, ele se depara com pessoas distintas, exóticas e desconhecidas. Bauman (2004), em suas reflexões e em suas resoluções, diz-nos: “pois o que amamos em nosso amor-próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado, ou a esperança, de sermos amados.” (BAUMAN, 2004, p. 102). Isso justifica o fato de antónio silva manter pensamentos

destrutivos no início de sua estada no lar. Amar a si mesmo confere se perceber em meio a pessoas aptas a nos amar: “[...] supomos que aquilo que pensamos, fazemos ou pretendemos fazer é levado em consideração.” (BAUMAN, 2004, p. 102). A grande questão é que, a priori, o idoso não possuía essas referências e nem almejaria obter. Para ele, eram todos uma massa uniforme. No entanto, como vemos adiante, as relações começaram a ganhar uma estruturação. Quatro idosos desenvolveram uma aproximação junto a ele: anísio, silva da europa, senhor pereira e esteves. O quinteto foi-se formando aos poucos, durante as muitas tardes de conversas e provocações políticas. Interessa à análise uma atenção maior ao relacionamento construído pelo senhor pereira e pelo esteves.

O senhor pereira foi o primeiro a ultrapassar a barreira comunicativa na qual o senhor silva se isolara. Esse primeiro contato foi importante de muitas maneiras e antónio silva sabia disso:

naquele tempo, sem braços e sem pernas, sem olhos e perdendo a voz, absolutamente sem coração, eu não me comunicava. [...] no entanto, **o que o senhor pereira me disse naquela primeira noite foi decisivo para o modo como vejo o lar até hoje.** acercou-se de mim, soletrou o seu nome e deu-me as boas-vindas. depois apercebeu-se de que eu não verbalizava coisa alguma e entendeu. acrescentou que, por vezes, entravam uns assim. não queriam amizades mas, com o tempo, começavam a falar e a criar afecto pelos outros. depois, pela crueldade do meu silêncio, disse-me, nem deveríamos ficar contentes com a sua vinda, porque é o definitivo da morte da dona lurdas, que era uma boa senhora. (MÃE, 2016, p.42, grifo nosso).

Semanas depois, o senhor silva passa a construir, aos poucos, uma proximidade maior com os demais utentes. No processo de adaptação, o senhor pereira age como um elo. Por isso mesmo teve tamanha relevância e significado durante a estada do idoso. Suas confidências e seus relatos foram moldando e, de certa forma, ajudando a mente do senhor silva a enfrentar a realidade. Um exemplo disso ocorreu após o senhor silva receber a primeira visita da filha. O idoso ficara imaginando que, ao se despedir, a filha iria tomar sorvete, aproveitar a vida com os filhos, entre outras coisas. O senhor pereira compartilha a sua experiência de quatro anos no lar e consola antónio silva como pode. Dali a um ano, numa das tardes de conversas entre os companheiros do lar, a iniciativa se inverte e agora é o senhor silva quem convida o senhor pereira para sentar e para saber das novidades. Ao notar o entrosamento do sempre amargurado antónio silva, o senhor pereira se felicita:

o senhor pereira sentou-se, sorriu brevemente, e disse-me, gosto de o ver assim, isto a vida são dois dias. **e eu fiquei impressionado com aquele cuidado.** era uma

generosidade grande a de me dizer aquilo, a mim, que era um velho amargurado e sem amor. devo ter corado. senti-me um maricas sensível e devo ter corado. (MÃE, 2016, p. 127, grifo nosso).

É de se perceber o zelo e a consideração notável do senhor pereira para com antônio silva, fato esse que inevitavelmente provoca reações no idoso. O estranhamento se deve à já mencionada percepção de amizade que o senhor silva cultivou durante toda uma vida. Com esse fragmento queremos evidenciar e explicitar ainda mais a relação criada entre os dois idosos.

No momento em que antônio silva foi deixado no asilo, retiraram de sua posse um álbum de fotografias, a única materialidade do seu passado e dos seus bons anos de casado, pois “achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher” (MÃE, 2016, p. 37). No lugar, colocaram a imagem da nossa senhora de fátima, imaginando que o idoso desenvolveria alguma religiosidade. É de bom proveito analisar a representatividade da santa para a narrativa. A figura religiosa estava ali para conectar o senhor silva ao que não é material, à transcendência. No entanto, além do ancião não ser ligado a qualquer tipo de crença, algum tempo depois,

fui procurar o senhor pereira e fizemos uma brincadeira juntos. arranjamos um pedaço de papel, um pouco de fita-cola e pusemos na estatueta da nossa senhora de fátima um letreiro a dizer, mariazinha, rodeada de pombinhas. ficou perfeita, com aquele ar de parva aflita sem saber o que fazer. uma santa toda mãe de deus e não sabe nada, não faz nada, perde-se na mesma brancura das paredes em que nos perdemos todos. um embuste.[...] o senhor pereira, que até acreditava nuns quantos de santos e temia deus às vezes, divertiu-se, como a pecar num frenesi impossível de conter, **para sentir, afinal, essa coisa da alma ainda viva. a alma viva, repetia eu**, que burrice tão grande para nos enganar e pôr como carneirada a cumprir ordens a atender a medos. e não tem medo de nada, perguntou ele. tenho. tenho medo de ficar para aqui ainda mais sozinho do que estou. você não está só, homem, que aqui somos muitos e sentimos todos exactamente aquilo que você sente, respondeu-me. eu calei-me. não fosse ele perceber o que eu sentia, e como ainda seguia zangado, capaz de me rir do sofrimento de qualquer um, incluindo o dele. (MÃE, 2016, p. 64, grifo nosso).

Há uma tentativa de humanização da santa, em busca pelo que é palpável e real. Era uma forma de fugir da imensa brancura que a tudo engole e limpa. Transgredir. Apesar de o senhor silva declarar que a santa se encontra na mesma brancura que todas as coisas dispostas no asilo, a brincadeira resulta numa sensação de ebulição, uma espécie de aviso de que eles ainda estão vivos e são potencialmente capazes de criar. Ao se deixar levar pela “alma viva”, antônio silva faz um retorno ao seu estado emocional e fala em medos. Interessante notar a resistência e a não-aceitação do início de um vínculo de amizade com aquele indivíduo que se mostrava tão solícito às suas inquietações, ao pensar que riria do sofrimento de uma qualquer

pessoa. Não queremos, com a análise, atribuir ao senhor silva um lugar de boa pessoa ou de velhinho que estava mudando conscientemente para melhor, qualidades que o próprio personagem rechaça, mas, pretendemos mostrar seus graus de oscilação em meio ao ambiente.

A falecida esposa estava enterrada no cemitério do lar. Contudo, antônio silva ainda não conseguia encarar de frente aquele ambiente. Numa de suas tentativas de visita, dessa vez frustrada, ele torna ao asilo, rebela-se e arranca as pombinhas que estavam grudadas na base da santa. Ao ser perguntado pelo senhor pereira sobre o que estava havendo, o idoso responde que estava se irritando com aquelas pombinhas. senhor pereira comenta que “a sorte é não ter os pastorinhos agarrados ali também, de joelhos a rezar, sabe, é costume.” (MÃE, 2016, p. 86), e antônio silva responde que se deleitaria ainda mais por “desparasitar” a nossa senhora e comenta sobre a expressão da santa, que “fica como se a casa de banho estivesse ocupada.” (MÃE, 2016, p. 87). A piada, na percepção de antônio silva, é maldosa, mas provoca risos nos idosos. O senhor silva se gaba por simplesmente ser “mau” e confessa: “gosto dessa maldade, não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos que nos rebelar aqui e acolá [...] **não vá o mundo pensar que não precisa de tomar cuidado com as nossas dores.**” (MÃE, 2016, p. 87, grifo nosso). Essa fala é significativa para a análise por evidenciar um senhor silva atento, preparado e consciente de que o seu “eu” não está isento de maldades e que ele pode e deve se rebelar, mostrar-se presente a um mundo que tenta abafar a sua altivez. Ele faz uso da primeira pessoa do plural, dando a entender que faz parte de um todo que pulsa, existe e se revolta. O tempo pode até ser linear, a velhice, não. As pombinhas arrancadas não haveriam de ir para o lixo, pois, de acordo com o senhor silva, “tinham um valor alto no comércio da sobrevivência difícil a que estávamos condenados.” (MÃE, 2016, p. 87), confirmando a importância conferida àquele objeto na tentativa de infiltrar toques criativos e reais à morbidez das paredes brancas. Em seguida:

mais tarde tranquei-me no quarto, encarei a mariazinha a estragar-se e chorei. a vida não era nada do que devia ser. não respeitava a minha dor e qualquer coisa que se passara naquele dia só me devia mostrar que não podia, não devia, ser conquistado pelo devaneio de festa alguma.[...] eu devolvi-lhe uma das pombinhas. depusitei-a como morta sobre a mesa de cabeceira. não significava nada, apenas que não era mais divertido. que a morte não era divertida e que estávamos todos a morrer, disso é que precisava de me lembrar. (MÃE, 2016, p. 89).

O senhor silva passara por constantes idas e vindas entre a sua ânsia de viver e a sua espera pela morte e por tudo o que há de ruim. A mariazinha, que ainda há pouco lhe

proporcionara um espírito rebelde, é a mesma que agora lhe remete à morte. A santa se faz presente durante toda a narrativa e acompanha o senhor silva até os momentos finais, em que declara: “se a meti dentro dos lençóis, deitando-lhe mão como se fosse navio e me agarrasse ao cais, foi porque me perdi um pouco nos pensamentos e me deu vontade de achar que tinha por ali uma companhia” (MÃE, 2016, p.), explica o senhor silva ao médico, justificando seu apego para com a imagem.

Por meio de sua proximidade com o senhor pereira, antónio silva foi apresentado ao esteves. O grande e emblemático esteves sem metafísica. Considerando o lar da feliz idade como um ambiente propiciador de uma variante da cegueira branca, n’*a máquina de fazer espanhóis*, é possível visualizar, na figura do esteves, a materialização, o extrato de uma poesia genuína, que tanto diz ao senhor silva:

[...] e era como se o próprio maravilhoso genial lindo fernando pessoa ressuscitasse à minha frente, era como dar pele a um poema e trazê-lo à luz do dia, a tocar-me no quotidiano afinal mágico que nos é dado levar. era como se alice viesse do país da fantasia para nos contar como vivem os coelhos falantes e as aventuras de faz de conta. e eu voltei a ouvi-lo dizer, mas eu tenho muita metafísica, isto de os poetas nos roubarem a alma não é coisa decente, porque aquilo da poesia leva muita mentira. **sorri. sorri verdadeiramente como nunca até ali naquele lar.** e o senhor pereira olhou para mim radiante e afirmou num triunfo, **isto sim, agora, é o lar da feliz idade.** (MÃE, 2016, p. 66, grifo nosso).

Na situação a que foram submetidos, o improvável resplandece: o enigmático e ilustre personagem da poesia de Fernando Pessoa habita entre aqueles idosos, e possibilidades entremundos são abertas. O poema intitulado “Tabacaria”, pertencente ao heterônimo Álvaro de Campos, revela um eu-lírico ensimesmado e inquieto, atordoado pela modernidade que o atropela. Vive como que um estrangeiro em seu próprio país. Alguém a quem o tempo passou, e, envelhecido, já não haveria de conquistar nada. Até o momento que um homem entra na tabacaria e “a realidade plausível cai de repente em cima de mim” (PESSOA, 1944). Era o esteves:¹²

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,

¹² Poema na íntegra disponível em anexo.

E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.
(PESSOA, 1944).

Talvez, se situado em situações, em tempos e em lugares diferentes, ele custasse a crer na versão do esteves, que, numa leitura mais ampla, pode ser entendido como uma subversão, em certa medida, do poema de Álvaro de Campos. Ao afirmar que possui metafísica e fazer um jogo entre poesia e realidade, ele nos dá uma exemplificação fatídica do que vem a caracterizar uma produção poética ou uma ficção. De acordo com Vieira (2015), ficção é:

Por mais que uma obra imite um dado referente, a ação dos seus personagens não se manifesta na realidade empírica, mas em uma realidade puramente textual, que lhe é própria, pois esta não busca imitar a realidade empírica como um espelho, mas como ela poderia ser: um imagem alterada, borrada; uma imagem que só existe no texto e nele se encerra, pois a realidade empírica foi colocada em suspensão. Logo, dilatada, duplicada, ficcionalizada. (VIEIRA, 2015, p. 66).

O teórico pontua que o universo ficcional pertence a ele mesmo, podendo derivar do mundo real, no entanto, sem possuir a obrigação de ser verdadeiro em sua totalidade (no sentido de ser absolutamente real). Apesar de entender que à poesia não é reservada nenhum preciosismo realístico, como em um artigo de jornal, por exemplo, um impacto é sentido pelo senhor silva, que se vê frente a frente com o personagem da Tabacaria. Afinal, mesmo tendo consciência da ficcionalidade literária, lá estava o esteves, em carne e osso. Vivo, falante e real. Nada mais importava. No presente trabalho, propomos fazer a leitura de que a presença do esteves produz no asilo um rompimento na imaterialidade das paredes brancas num sentido mais abrangente que o da santa: “o esteves sem metafísica, com seus quase cem anos, era a melhor senhora de fátima do lar.” (MÃE, 2016, p. 69). Mediante o encantamento e as

possibilidades até então desconhecidas por antônio silva, o lar se metamorfoseia e entrega ao idoso uma perspectiva outra sob o que ele julgava ser a velhice: “era uma novidade que, sobretudo no meu estado para morto, continha uma energia de vida radical e inesperada.” (MÃE, 2016, p. 67). O asilo propicia esse encontro. esteves era a matéria-prima, a prova viva, um oásis da criação. Era a personificação da linguagem, a poesia entre os vivos. De acordo com Paz (1982):

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. **A poesia revela este mundo; cria outro.** Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. (PAZ, 1982, p. 15, grifo nosso).

A poesia é a potencializadora de alumbramentos e de saídas para almas desfeitas pela ação do tempo e do espaço. O contato e o deleite com ela dilatam a realidade. O teórico não consegue definir o indefinível, agindo corretamente, pois seria de um equívoco tamanho delimitar a grandeza do que é a poesia. O fragmento acima vem ao encontro ao que foi experimentado pelo senhor silva. Inebriado com a descoberta, ele torna a lembrar de laura, que ficaria estupefata em conhecer aquela figura. antônio silva se refere ao esteves como “um milagre da literatura, uma incrível epifania do que a literatura tinha de vida real.” (MÃE, 2016, p. 88), reforçando ainda mais a força e a irreverência vinda daquele homem-poema. Como num livro literário, a verossimilhança prevalece em torno do esteves.

3.4 Visita de morte

Temos como objetivo o estudo dos instantes finais do senhor pereira e do esteves, pois ambos os personagens compartilham uma maior aproximação com antônio silva. As mortes dos personagens simbolizam para o senhor silva o contato mais íntimo com a morte desde o falecimento de laura. Além disso, analisamos os últimos momentos do senhor silva no asilo, uma das manifestações mais fortes dos efeitos das paredes brancas e que servirá de fechamento para nossas reflexões.

Começemos por esteves. No dia em que completara cem anos, o emblemático personagem não estava no auge da sua felicidade, pois foi transferido para a ala com a janela

voltada para o cemitério. O descontentamento era evidente, além da dificuldade em entender as motivações que levaram a equipe do lar a optarem por aquela escolha. esteves relata que o seu companheiro de quarto, senhor medeiros, durante a madrugada, despreza-o e profere palavras de insulto, apesar de américo (funcionário do asilo) deixar claro que o senhor medeiros segue como que um vegetal, sem a capacidade de pronunciar palavra qualquer. Os idosos terminam por organizar um bolo de aniversário para esteves, a fim de o animar e de reforçar que ele não era ali nenhum incômodo e muito menos que alguém quereria livrar-se dele, pensamentos que lhe ocorreram após a mudança para a ala esquerda. É possível notar no senhor silva uma espécie de veneração em relação a esteves, como se o personagem fosse uma propriedade muito particular do lar, uma fabulação só possível ali. Durante a comemoração, temos um momento de contemplação de todos os amigos do asilo: “por isso começamos todos a cantar mais alto e a bater mais palmas e a fazer uma festa com a euforia possível pelos cem anos de metafísica profunda do esteves.” (MÃE, 2016, p. 141). Todos juntos, em uníssono, contemplando um privilégio.

No momento seguinte, à noite, esteves visita o quarto do senhor silva, amedrontado com a existência de uma máquina que retira a metafísica dos homens, ou seja, que extrai a essência de uma pessoa, deixando-a como que a vegetar, sem consciência. Além disso, afirma categoricamente que o senhor medeiros emite palavras como “filho da puta, morre filho da puta.” (MÃE, 2016, p. 152). No entanto, o senhor silva segue sempre em sua tentativa de acalmar o esteves, dizendo que são apenas gemidos. esteves, abundante em metafísica, termina amedrontado com a possibilidade de ficar sem e ser impedido de vivenciar aquelas paredes brancas que tanto põem em ebulição os idosos, seja para o bem, seja para o mal. Ficar sem metafísica seria como assistir inerte a todo e a qualquer acontecimento que o confronte. Talvez estejamos próximos de uma interpretação basilar da obra, a de que o asilo pode ser uma representação de Portugal e que, nos tempos da ditadura, o senhor silva agiu como que um sem essência, ou melhor, não agiu, continuou seu caminho como se nada estivesse acontecendo, apesar de internamente saber a verdade. Assim como esteves sem metafísica de Fernando Pessoa. Dessa forma, passou-se a noite entre suposições e conversas.

Pela manhã, américo encontra os dois metidos na mesma cama e se ri. Fazendo todos rirem também: “o esteves tinha feito cem anos e amanhecera a rir. [...] eu e o américo estávamos extasiados com a maravilha daquele acontecimento. sim, acontecem coisas mirabolantes nesse mundo, a imaginação da realidade é delirante.” (MÃE, 2016, p. 153). Momentos depois, durante

uma conversa na escada, o senhor silva se recorda de quando abrigou o rapaz em sua barbearia, fazendo uma clara ligação entre aquele acolhimento de anos atrás e o que dera a esteves. Podemos inferir que tal ato ressoa como uma redenção ao ocorrido em seu estabelecimento. Após esses instantes, a notícia da morte de esteves chega aos ouvidos do senhor silva. O médico explica que esteves morrera sorrindo, sem mais nem menos, durante uma conversa, enquanto contava sobre a sua noite, seus sonhos, e que o amigo silva foi como que um protetor, um anjo para ele. “o doutor sabe que aquele homem é alguns dos melhores versos do fernando pessoa. aquele homem é a nossa poesia problematizada. a longevidade dele foi uma demorada marcha contra a derrota.” (MÃE, 2016, p. 155), responde o senhor silva ao médico. Temos o fechamento de um ciclo. Como num livro, que, no decorrer da leitura, por motivos diversos, os personagens terminam morrendo, esteves sem metafísica deixa o plano físico. Além disso, o peso que a morte de esteves remete ao senhor silva é incalculável, visto que o personagem era tido como uma alternativa, um meio, uma forma, nas palavras do idoso, “contra a derrota” (MÃE, 2016, p. 155). O senhor silva estava sempre em combate contra o corpo, contra a velhice, contra si. Sempre dois lados, duas partes: bem e mal, jardim e cemitério, amor e ódio, matar e salvar.

Vamos aos momentos finais do senhor pereira. Ao descobrir um câncer, o idoso passa a ter dificuldade para controlar suas necessidades intestinais. Em um dado momento, todos estão entristecidos com a morte da dona marta, principalmente o senhor silva. Um adendo sobre a relação de antônio silva com a idosa: o ancião sofre com pesadelos, que podem ser entendidos como uma associação de degradação e de esfacelamento daquele corpo, em compatibilidade com a imaterialidade das paredes brancas. Envolto numa dissolução corporal onírica ocasionada por pássaros, numa espécie de sonambulismo, certo dia, o idoso assassina a idosa a pauladas, sem, contudo, ter consciência do acontecido: “afinal, no feliz idade era estupidamente fácil assassinar alguém. eu não o saberia. não o poderia saber. quando acordei de manhã julgava ter dormido profundamente a noite inteira.” (MÃE, 2016, p. 174).

A moral no lar é flutuante. Não sendo questionadora, propicia fatos assim. Usamos a palavra “questionadora” no sentido de o lar não ser investigativo, visto que uma pessoa morre e isto, por si só, basta. Além desse acontecimento, iniciativas moralmente corretas e admiráveis, como o fato de ter escrito, secretamente, cartas de amor sob a alcunha do sumido marido da idosa que a abandonara há tempos, foram escritas pelo senhor silva, o que gerou os melhores

sentimentos possíveis na idosa. Por outro lado, atos moralmente desprezíveis, como dar uma surra na mulher (antes do assassinato) também vieram a ocorrer.

Esclarecida a relação instável do idoso com a dona marta, voltemos ao senhor pereira, que, ao ver antónio silva entristecido com a morte da mulher (sem fazer ideia que a matara), diz ao companheiro: “o amigo silva não tem de se culpar para sempre do que aconteceu, **estamos aqui para fazer coisas que nunca fizemos**, é também isso que significa a velhice. estarmos velhos da cabeça.” (MÃE, 2016, p. 176, grifo nosso). A fala sintetiza o significado de estar envolvido naquelas paredes. Estar submerso pela velhice. É neste ponto que comprovamos a intersecção das paredes brancas com a velhice. Como estruturamos no primeiro capítulo, a velhice pode carregar em si uma perspectiva outra acerca do mundo e de si. A citação se encaminha para o que propusemos à leitura da obra. “[...] fazer coisas que nunca fizemos”. (MÃE, 2016, p. 176). Isso inclui ser protagonista de atos moralmente aceitáveis ou não. A título de comparação, podemos citar atos que vieram a acontecer em *Ensaio sobre a cegueira* ocasionados pela epidemia e pela situação em que os personagens estavam inseridos, como a traição do médico com a rapariga dos óculos escuros, o assassinato a um dos cegos cruéis, cometido pela mulher do médico, entre outros exemplos. A invisibilidade da moral e a transformação comportamental é evidente.

Na noite anterior ao falecimento do senhor pereira, antónio silva se vê envolto em mais um de seus pesadelos e sente a necessidade de se refugiar nos aposentos daquele: “segui [...] abri a porta [...] sentei-me na cama e observei o senhor pereira.[...] o senhor pereira sentiu o meu corpo pesando no seu colchão [...] perguntou, é você, senhor silva, e eu disse, sou, não consigo dormir, e ele respondeu, eu também não. (MÃE, 2016, p. 231). Diferentemente da visita do esteves, quem se dirige ao quarto na pretensão de se proteger é o senhor silva. De acordo com a relação construída pelos dois no decorrer da narrativa, é de se entender que antónio silva cultivou uma relação de aprendizado com o senhor pereira. Foi uma noite de conversas tolas até entrarem em um falatório de suposições sobre a morte do esteves. A teoria é de que retiraram a metafísica do maravilhoso personagem até não lhe restar nada, até a morte ser inevitável. Com isso, eles se aventuram a visitar o antigo quarto do esteves, sem, contudo, obter êxito na ânsia de descobrir os mistérios que rondam aquele ambiente. No dia que se seguiu, em uma conversa com antónio silva, um dos utentes que está hospedado no antigo quarto do personagem do poema de Fernando Pessoa revela que, de fato, o senhor medeiros profere palavras agressivas, e que realmente há uma equipe empenhada em retirar a metafísica dos utentes por meio de uma

máquina. Se nos cabe interpretação possível, podemos considerar que, tomando como verdade o que os olhos do idoso viram, a máquina existe, em primeira análise, como uma tentativa de igualar os idosos ao que nós denominamos de imaterialidade das paredes brancas, deixando-os sem autonomia e sem espírito rebelde. Podemos, ainda, considerar o lar como sendo uma referência ao *status quo* português, um país que, cultural e historicamente, mantém-se neutro frente a determinados acontecimentos, vide o posicionamento de neutralidade dos portugueses durante a segunda guerra mundial:

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo português buscou incutir em sua população um sentimento de orgulho pelo fato de Portugal não ter aderido à guerra [...] Tal articulação se deu tanto através da propaganda, difundida amplamente pelos meios de comunicação, quanto embutida em eventos festivos. [...] A ideologia salazarista primava pelos festejos das efemérides, os quais eram amplamente divulgados, inclusive por meio de materiais panfletários cinematográficos. (RECCHIA, 2018, p. 38).

Essa onda de neutralidade só contribui para a alienação total ou parcial do povo, o que deseja todo e qualquer regime fascista. Podemos sugerir um entrelaçamento do lar ao contexto histórico e cultural de Portugal. De acordo com o teórico, um trabalho de base era desenvolvido pela ditadura Salazarista, o que nos leva a entender o processo sofrido pelo senhor silva e toda sua geração. Alguns seguiam suas vidas como que despreocupados ou apenas revoltados internamente, e outros, como o rapaz da barbearia, mantinham um posicionamento crítico e revolucionário. Lembremos que, obviamente, a narrativa é predominante em resoluções mentais abstraídas da mente do senhor silva, ou seja, somos levados a entender aquele espaço através dos olhos do idoso, o que explica nossa interpretação.

No dia seguinte, a notícia que o senhor pereira morreu chega aos ouvidos de antónio silva. O impacto é tanto, que o idoso precisa ser socorrido. A dor o acomete de forma violenta, desleal e injusta, deixando-o em estado de choque, fazendo-o confessar e refletir sobre tudo aquilo o que via e o que não via. Não conseguindo ficar sozinho, escolheu ser acompanhado por américo:

confessei-lhe, precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. **este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos.** e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro. eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. hoje percebo que tenho pena da minha laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades,

para os outros. os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca os diria. esgotei sempre tudo na laura e nos miúdos. esgotei tudo demasiado perto de mim, e poderia ir mais longe. e eu não morro hoje, rapaz, não morro sem acompanhar o senhor pereira ao cemitério. [...] eu vou ver o meu amigo ir à terra porque depois nunca mais hei de voltar a ver o meu amigo. (MÃE, 2016, p. 243-244, grifo nosso).

Em outros momentos, o senhor silva chegou a desejar que laura estivesse em seu lugar, pois ela saberia lidar melhor com a situação, resistiria mais. No fragmento acima, o idoso toma consciência do impacto e da contribuição daquelas pessoas na desconstrução de estigmas pertencentes a ele. antónio silva fala na abertura para novas realidades por meio das suas dores. O percurso traçado a muito custo pelo idoso solidifica a frase. O ancião tem, arraigado e firme, em suas costas, um histórico de submissão a um sistema que retirou a sua autonomia. Muito além disso, arrancou dele o domínio dos seus atos. Restaram sequelas para além da sua compreensão. O lar, esse ambiente dúbio, imaterial e branco, significou um recomeço e um conhecimento mais amplo do que foram aqueles anos. A exposição do idoso não deixa de ser sobre amar ao próximo. Bauman (2004) nos esclarece que:

Amar ao próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas. (BAUMAN, 2004, p.103).

Ou seja, podemos inferir que, baseado no que o teórico nos traz, antónio silva encontrou, naquelas pessoas e naquele lugar, um referencial de suas próprias qualidades e de sua própria identidade. Trouxemos a cegueira branca para a análise e constatamos que essa alegoria se transmuda nas paredes brancas do lar. Além disso, é possível perceber que a velhice também é fator conflitante e de grande influência na abertura de novas realidades. O universo do lar foi enriquecido, pois, aqueles que ali estavam, uma vez abandonados e “velhos da cabeça” (MÃE, 2016, p. 176) olharam-se, compartilharam suas dores, e o que se pensava encerrado revelou-se transgressor e dotado de continuidade.

Nos momentos derradeiros do senhor silva, após a morte dos seus dois melhores amigos, o idoso é direcionado à ala esquerda, em decorrência de complicações respiratórias. É de interesse do presente trabalho analisar e entender os significados dos, supomos, momentos finais do idoso (a narrativa não revela sua morte). Uma das exigências de antónio silva foi levar consigo a mariazinha, uma espécie de resistência perante aquele todo: “iam levar-me para a ala esquerda e eu não podia mais defender-me. [...] já não teria como agarrar num livro e esperar

matar alguém.” (MÃE, 2016, p. 252). A forma como senhor silva se refere ao asilo é comumente relacionado à defesa, como nós pontuamos em um outro momento. Chegando ao quarto da ala esquerda, à noite, sob a companhia do senhor medeiros, senhor silva avista oito pessoas entrando no quarto. Tais enfermeiros fazem uso de tubos, seringas, geringonças, no intuito de retirar a metafísica e, decorrente disso, o fascismo do utente. Entendemos esse momento como um processo de apagamento próprio das paredes brancas, logo, podemos chegar à conclusão que era em relação a isso que antónio silva tanto lutara contra. À essa máquina de extrair a metafísica pode ser atribuído um sentido de pôr o idoso a não ser ele mesmo, não desempenhar sua identidade, e, por fim, não ser mais português. Deixar esta vida de forma neutra, como se o problema não fosse dele, ou a ele não pertencesse àquela história. Ao perceber a máquina sob si, senhor silva reflete em tom de súplica:

naquela altura eu tinha de gritar. precisava de dizer que me arrependia, que não queria acabar sem metafísica, que me enterrassem com a metafísica e português. arrependia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor. mas sempre ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas. [...] porque fui um filho da puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido. [...] por que eu precisava de morrer consciente, decorando cada minuto do tempo com a minha laura, [...] não me tirem a consciência do amor e da sua perda. (MÃE, 2016, p. 255-256).

antónio silva reconhece o valor da memória, por isso, não gostaria de morrer sem a punição de saber que contribuiu para um governo fascista que dilacerou gente de sua própria nacionalidade, seu próprio povo. A súplica nos leva rumo a uma reflexão sobre a memória. Uma nação, cuja história não é preservada ou é distorcida, tende a repetir os mesmos equívocos, não se percebendo constituinte de encadeamentos perversos e destruidores. E era isso o que o senhor silva não queria. Bauman e Donskis (2014), destacam:

Nós nos reconfortamos com narrativas sobre como somos nós (e não outra pessoa) que preservamos a história e a memória de nosso país. Mas a verdade capaz de deixar muitos chocados é que **a memória chega à nossa existência a partir de fora, pois ela é basicamente um diálogo cognitivo e existencial com o ser e o estar no mundo de nós mesmos e com toda a comunidade de nossa sensibilidade e de nosso sentimento. Outros encontram em nós mesmos o que nós mesmos perdemos; nós perecemos ao esquecer**, como diria Milan Kundera. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 153, grifo nosso).

Mediante o que nos afirmam os autores, a memória é um monumento a ser preservado não por nós, mas pelo outro. Nesse ponto, é possível perceber “o outro” mais uma vez em

evidência. Ora, se o ato de ser e estar no mundo implica a convivência e a troca mútua com os demais, nada mais natural que a memória se estender à comunidade. Isso é fato, a memória se constrói em conjunto. Durante a estada no lar, o senhor silva fez um exercício dialético e reestruturador de sua história, revisitando e expandindo a sua consciência camuflada. No dia seguinte àquele acontecimento, ao contar sobre a máquina aos amigos que restaram, antónio silva comenta que aquele era um equipamento de retirar o fascismo, mas que ele já o teria feito.

Findando, o que nos fica, à título de análise, é o afloramento de um espírito travestido em culpa, buscando o firmamento e a consolidação da sua memória. antónio silva buscou uma resistência enquanto idoso e peça de uma história de mágoa e de dor na época, não para ele, mas para uma massa desfigurada e desconhecida. A sensibilização do seu olhar perante aqueles que não tinham seu sangue correndo em suas veias foi fator de transformação. A brancura das paredes, com sua limpeza e com seu vazio, emanou uma energia de apagamento, se confluirmos para a percepção do narrador. Pincelar com matéria criadora aquelas paredes foi o caminho que galgou o maravilhoso senhor silva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alicerçado no que foi elaborado até aqui, constatamos a presença da alegoria da cegueira branca por intermédio da análise de pontos-chaves pertencentes à trajetória do personagem antónio silva. Nos capítulos iniciais, ampliamos nossa percepção em relação às imbricações simbólicas da categoria “cegueira branca”. Com isso, empenhamo-nos em estabelecer correlações possíveis e viáveis com o objeto de estudo. Por meio do aparato teórico de Beauvoir (2018), suscitamos uma compreensão das linhas mentais construídas por antónio silva e por seu ideal de velhice. O não-lugar, a que os idosos são, por vezes, submetidos, influencia na autoimagem dos anciãos, bem como na sua sensibilidade ante os outros. Mediante a apreensão de uma moral que oscila e é efêmera, através da contribuição em um primeiro momento de Nietzsche (2018), entendemos de que meio originou a moral que conhecemos nos dias de hoje, ou seja, de uma relação de opressão. Foi, assim, desde os primórdios, e prossegue na modernidade, em que Bauman e Donskis (2014) contribuem com o conceito de adiaforização. É possível perceber alguns dos motivos pelos quais certos atos são toleráveis e outros não. Destaque para as atrocidades realizadas por regimes fascistas que, apossados de uma verdade

criada, monopolizam absurdos da humanidade. O fenômeno presenciado pelo grande capital também é algo relativizado em nossa sociedade.

No subcapítulo destinado ao estudo do espaço, compreendemos em que sentido ele guia uma obra, bem como a desenvoltura de um personagem. Refletimos sobre o ambiente casa em contraposição ao asilo, dois extremos que nos ajudam a entender a relação que o senhor silva estabelece com o lar. Para além disso, extraímos elementos de evolução do personagem, iniciando a análise no momento em que o idoso adentra o asilo. No decorrer da análise proposta, a partir do terceiro capítulo, delineamos e compreendemos a trajetória de antónio silva. No subcapítulo “Por trás das paredes brancas”, comprovamos a familiaridade do asilo com o universo espacial construído por Saramago (1995), além de compreender o significado da entrada naquelas paredes para o senhor silva. A transição para o asilo, juntamente com o luto e sua concepção de velhice, deságua na desfragmentação de sua própria persona. Em “O passado é uma roupa que não nos serve mais”, empenhamo-nos na análise do episódio da barbearia, em que o idoso, ainda jovem, dá abrigo a um rapaz que estava fugindo dos militares, sendo que, posteriormente, entrega-o ao regime fascista. Com a análise dos sentidos por ele manifestados, partindo da lembrança desses acontecimentos, suscitamos a relação que o personagem estabelece com aquele fato traumático e os seus novos amigos. Foi possível perceber a moral e a sua fragilidade perante um governo ditatorial. No subcapítulo “Mudando tudo de lugar”, identificamos os elementos de sustentação da vida no lar. O fenômeno que denominados como a quebra da imaterialidade das paredes brancas surge na interação desses fatores, como a desconstrução e personificação da santa e a presença do esteves sem metafísica. São fatores que, na percepção de antónio silva, revelaram-se agentes de combate e de resistência. senhor silva passa a ver, na figura do senhor pereira, um elo, bem como uma referência. O asilo também se mostrou um ambiente cuja moral é duvidosa e oscilante. Tivemos em “Visita de morte”, dois momentos específicos em que o senhor silva perde os seus dois maiores alentos naquele espaço: antónio silva abriga o esteves e se refugia nos lençóis do senhor pereira, fatos esses que, conforme analisamos, são fruto de uma tentativa de redenção e de resgate do personagem em relação aos acontecimentos do passado, sendo ele capaz de estabelecer um processo de empatia e de amizade a um outro com quem não compartilhava traços sanguíneos. Em uma dimensão expandida, podemos entrelaçar tal sensibilização ao ato de se importar com um outro “invisível”, imerso numa massa uniforme e distanciada e perceber a dor daqueles que têm suas vidas despedaçadas por governos, por indústrias e por trabalhos.

A influência e presença da cegueira branca, em meio às paredes brancas, deu-se em muitas linhas, sendo estas morais, relacionais e memoriais. O ápice da manifestação do que as paredes brancas buscam exercer se traduz na retirada da metafísica por meio da máquina de fazer espanhóis (e não portugueses). Ao final da análise, entendemos qual seria o combate tão proclamado e firmado por antónio silva durante toda a sua estada no lar. A partir do que foi estudado, podemos chegar a um pensamento comum: a luta contra o esmaecimento da memória é também uma luta contra as paredes brancas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- CARROL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- CASTRO, Maria Leonor Pereira Oliveira. **Figurações da Velhice nos romances Em nome da Terra e a máquina de fazer espanhóis**. Dissertação (mestrado). Universidade Católica Portuguesa, 2013.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- FANTIN, Maria Célia Martinari. **Como um vírus: a doença do salazarismo em a máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe em diálogo com “Afirma Pereira”, de Antonio Tabucchi**. Via Atlântica, 2016.
- FRANZ, Marcelo. **“Os imaginativos meios que a natureza tem para extrair a vida de alguém” a representação do corpo envelhecido em a máquina de fazer espanhóis**. Revista do NEPA/UFF. Niterói, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- MÃE, Valter Hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- _____. **o apocalipse dos trabalhadores**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- _____. **o nosso reino**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. **o remorso de baltazar serapião**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. LeBooks, 2019.
- OTSUKA, Natasha Gonçalves. **“Somos um povo de caminhos salgados”**: memória e máquina em Valter Hugo Mãe. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944. 252.

PINTO, Sérgio de Castro. **Folha corrida:** poemas escolhidos (1967-2017). São Paulo: Escrituras Editora, 2017.

PLATÃO. **A República.** LeBooks Editora, 2019.

RECCHIA, Márcio Aurélio. **Portugal, um país “neutro” perante a guerra:** a desconstrução da propaganda salazarista em Fantasia Lusitana. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

RICHTER, Nanci Geroldo. **Os espaços infernais e labirínticos em Ensaio sobre a cegueira.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÓFOCLES. **Édipo Rei.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. O que é e o que não é literatura? *In:* **Repensando a teoria literária contemporânea.** Org: João Sedycias. Recife: Editora UFPE, 2015.

ANEXO

ANEXO A - TABACARIA

TABACARIA

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,

Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,

E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa,

Fui até ao campo com grandes propósitos.

Mas lá encontrei só ervas e árvores,

E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!

Génio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?

Não, nem em mim...

Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo

Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?

Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
Serei sempre *só o que tinha qualidades*;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordámos e ele é opaco,
Levantámo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!

Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patricia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,

Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,

Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,

E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.
(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.
(PESSOA, 1944)